

2013 será inevitavelmente mais um ano de contracção.

JOSÉ MARIA RICCIARDI



Economia mantém-se mais ou menos constante.

RUI CARTAXO



Assistiremos a uma inversão de tendência no segundo semestre.

ANTÓNIO PIRES DE LIMA



O ano terá um contexto nacional e internacional difícil.

MÁRIO VAZ

2013

O ano da recuperação económica?

80%

O Económico questionou gestores, economistas e empresários.

Dos 84 líderes ouvidos pelo Económico, 80% não acreditam na retoma **— P4 A 24**



Empresários pessimistas para 2013

Para mais de 80% dos presidentes executivos e administradores ouvidos pelo Diário Económico, 2013 não será ainda o ano do início da retoma.

Mónica Silveiras

monica.silveiras@economico.pt

A esmagadora maioria dos empresários está pessimista com as perspectivas do próprio ano. Para mais de 80% dos 84 presidentes executivos e administradores ouvidos pelo Diário Económico, 2013 não será ainda o ano em que Portugal iniciará a recuperação económica e, para a maioria, a actividade dos respectivos sectores será um reflexo do desempenho do país, não havendo por isso previsões de crescimento ou de criação de emprego.

O sentimento negativo é transversal. Banca, seguradoras, construtoras, transportadoras, farmacêuticas, empresas do turismo, do ramo automóvel, agroalimentar, tecnologias de informação, têxtil, calçado, advocacia partilham uma visão muito cautelosa. "Não se antevê a retoma da economia portuguesa antes de 2014", diz taxativo o presidente executivo da Tranquilidade. Mas Pedro Brito e Cunha não está só. "Parece-me demasiado esperar uma recuperação em 2013", corrobora Henrique Leheld, o presidente executivo da Hörmann Portugal. "Em 2013 continuaremos a sentir o impacto das medidas de austeridade, prolongando-se a contracção na economia", justifica Luís Paulo Salvado, presidente executivo da Novabase.

Estas previsões vão ao encontro da própria análise do Governo que aponta para uma contracção da economia de 1%. Já o Banco de Portugal aponta para uma quebra da economia de 1,6%. Mas há projecções mais pessimistas. O Citibank, por exemplo, prevê uma contracção superior a 5% em 2013. Determinante para o desempenho do PIB são as pesadas medidas de austeridade inscritas no Orçamento do Estado que, mais uma vez, vão comprometer o consumo das famílias e o investimento das empresas. A grande expectativa reside nas exportações que poderão ajudar a alavancar a retoma.

"É urgente criar um clima de confiança. Se todos formos conscientes de que o momento requer mais união e mais esforço em conjunto, estou certo que 2013 não será pior que 2012, e até poderá haver alguma melhoria embora que ligeira", diz Eduardo Rangel. O presidente do Grupo Rangel frisa ainda que é imperioso que "os portugueses decidam que o seu grande objectivo" é exportar. "Porque não lutar para que 50% do nosso PIB se realize nas exportações?", questiona. "Será neste sector das exportações e na internacionalização que podemos ter expectativas de combater o desemprego, e melhorar a nossa economia", complementa.

Criar emprego não será uma prioridade. Para muitos empresários o esforço será antes manter o actual número de trabalhadores. "Como a Europa está, se conseguirmos manter o mesmo nível de actividade já é um grande esforço da empresa", diz Paulo Melo, administrador da Somelos. "A produção do sector da construção em Portugal continuará a cair e o mesmo sucederá com o emprego", vaticina, por seu turno António Castro Henriques. Mas as empresas cuja actividade consegue ser alimentada pelas exportações têm perspectivas diferentes. "Se concretizar as encomendas que tenho em perspectiva terei de aumentar a minha capacidade produtiva e surgirá oportunidade para a criação de emprego", avança Miguel Oliveira, presidente executivo da AS. Já Tomás Roquette, administrador da Quinta do Vallado pretende "reforçar a equipa comercial com um novo quadro exclusivamente dedicado à expansão do negócio internacional da empresa", sendo a aposta prioritária os continentes asiático e africano.

Resumindo as perspectivas para próximo ano, Rui Correia, administrador da Rumos, cita Winston Churchill: "Isto não é o fim. Não é sequer o princípio do fim. Mas é, talvez, o fim do princípio". ■ **com M.T.A., M.A.B., M.V.L., M.M.S., S.P.M., H.S., C.S., A.M.G., D.L., S.S.P., N.M.S., C.M., R.V., I.D.B.**

A grande maioria dos 84 empresários ouvidos pelo Diário Económico não esperam que haja uma recuperação, em 2013, dos sectores em que operam.





PONTOS-CHAVE

▶ O Governo prevê uma contracção da economia de 1%, em 2013. Já o Banco de Portugal aponta para uma quebra de 1,6%. Mas há projecções mais pessimistas. O Citibank, por exemplo, prevê uma contracção superior a 5% em 2013.

▶ A economia vai destruir perto de 80 mil postos de trabalho em 2013, de acordo com a previsão do Orçamento do Estado para 2013. A taxa de desemprego será de 16,4%, depois dos 15,5% estimados para este ano.

▶ No próximo ano, 37% da riqueza produzida pela economia vai servir para pagar impostos. É este o valor da carga fiscal prevista para 2013 no Orçamento do Estado.

Paulo Alexandre Coelho



1

Em 2013 haverá condições para se iniciar uma fase de recuperação ou a economia vai continuar em contracção?



José Maria Ricciardi

Presidente do BES Investimento

1 Com a continuação da "desalavancagem" do sector privado, com a intensificação da natureza restritiva da política orçamental e com a estagnação da actividade na zona euro, 2013 será inevitavelmente, no seu conjunto, mais um ano de contracção para a economia portuguesa. Em todo o caso, admite-se a possibilidade de um regresso a variações trimestrais positivas do PIB com a aproximação do final do ano, a partir de alguma melhoria do ambiente externo e de uma recuperação das exportações, bem como de uma tendência gradual de estabilização da procura interna (isto é, de quedas menos acentuadas).

2 2013 deverá continuar a ser um ano de desalavancagem do sector privado, pelo que não se espera uma expansão da actividade ou do emprego no sector bancário. Factores como o aumento do desemprego e a contracção da procura interna, em particular do investimento, deverão continuar a restringir a actividade no sector. Ao mesmo tempo, os bancos deverão continuar a perseguir os objectivos de desalavancagem acordados com a "troika". Em todo o caso, e continuando uma tendência já observada em 2012, deverá observar-se uma expansão do financiamento bancário à actividade das pequenas e médias empresas exportadoras, que estarão ligadas aos sectores onde uma recuperação da actividade se fará sentir primeiro e de uma forma mais visível.

2013 será inevitavelmente, no seu conjunto, mais um ano de contracção para a economia portuguesa.

2

Na sua empresa (sector) quais as previsões tanto de crescimento como de criação de emprego?



Nuno Fernandes Thomaz

Administrador da Caixa Geral de Depósitos

1 O processo de rebalanceamento da economia portuguesa tem ocorrido a um ritmo acelerado, mais a mais tendo em conta que o país já não tem em seu poder a política cambial. Com efeito, verificou-se um forte ajuste da balança corrente e de capital que poderá no próximo ano apresentar um valor superavitário. Acontece, que este processo resulta de uma contracção forte da procura interna, não compensada na íntegra pela dinâmica favorável e de alguma forma surpreendente das exportações, uma vez que estas partiriam de uma base reduzida. Posto isto, considera-se que Portugal aumentou os níveis de

competitividade nos últimos anos, bem visível na evolução dos custos unitários de trabalho, pelo que a recuperação no final de 2013 poderá ocorrer se as políticas fiscais contraccionistas forem menos vigorosas.

2 O sector da banca encontra-se num processo importante de ajuste fruto de uma alteração estrutural da conjuntura: de uma sociedade de consumo, alicerçada no crédito, Portugal caminha para uma sociedade de poupança. A taxa de poupança das famílias atingiu os 7% em 2007 e deverá encerrar o ano de 2012 perto dos 11%, enquanto ao nível do crédito tem-se assistido a políticas de contenção, devido ao processo de desalavancagem em curso no sector. Neste contexto, é de esperar que a sobrecapacidade existente seja corrigida nos próximos anos através de uma redução das respectivas redes de distribuição e do número de quadros. Adicionalmente, estima-se que o modelo do sector convirja para actividades geradoras de comissões e com reduzido consumo de capital, em detrimento de um menor peso da tradicional margem financeira.



António Vieira Monteiro

Presidente do Santander Totta

1 Acredito que 2013 vai ser o último ano mau para o país. Vai ser muito exigente, fruto do aumento da carga fiscal em especial sobre as famílias, com as alterações ao nível do IRS.

A intenção de pagar um dos subsídios em duodécimos pode aliviar parte do seu impacto mas, mesmo assim, creio que será principalmente pela via da diminuição do consumo que serão afectadas as PME. Assim, o ambiente para o sector deverá ser semelhante ao de 2012, com riscos mais elevados para as empresas expostas à procura interna. As empresas voltadas para a exportação enfrentarão também mais dificuldades, devido à redução da procura na zona euro. No entanto, quero acreditar na generalidade das previsões para o ano de 2013 que apontam para uma progressiva estabilização no segundo semestre do ano e para uma

normalização das nossas contas públicas já em 2014.

2 Nós acreditamos que estão criadas as condições para que nos próximos anos se verifique um crescimento dos resultados operacionais, após estes últimos anos de reajustamento em que o sector se concentrou na desalavancagem do balanço e no necessário provisionamento do crédito em incumprimento. De facto o Santander Totta encontra-se bem capitalizado e provisionado de liquidez, o que lhe permite desenvolver um modelo de negócio de banca comercial sustentado e eficiente. No entanto, a economia portuguesa vai estar em recessão no próximo ano e

isso não deixará de afectar negativamente tanto a actividade bancária em geral quanto a criação de emprego. No caso do Santander Totta a nossa previsão é de encerrarmos um número de balcões não superior ao do corrente ano (26), e continuaremos a procurar realocar os colaboradores envolvidos. Por outro lado continuaremos com o nosso programa de apoio ao ensino universitário, tendo em vista também ajudar a que haja uma maior e melhor qualificação dos nossos jovens universitários, bem como promover iniciativas tendentes a ajustar estas qualificações às necessidades das empresas e das organizações.



Bernardo Meyrelles do Souto
'Chief Country Officer'
do Deutsche Bank

1 Há sinais que nos fazem acreditar podermos estar a entrar numa fase de viragem. Não sou muito apologista que haja uma inversão do ciclo muito nítida. É um processo de ajustes graduais e contínuos que a prazo nos conduzirão a uma inversão de ciclo. Têm sido tomadas e implementadas medidas quer nacional quer internacionalmente, que indo no sentido de maior integração europeia nos fazem acreditar estarmos no caminho da recuperação. Será ainda um ano muito duro, ao nível do que já foi 2012, ou provavelmente até menos duro.

2 Para o Deutsche Bank, prevemos um ligeiro crescimento face a 2012, que foi um ano mais marcado

pela consolidação. Tomámos medidas e preparámos o banco para um novo paradigma, mais estreito em margens, mais comedido em custos, mais exigente no capital e mais rigoroso em regulação. Esta adaptação foi efectuada em 2012, esperando em 2013 iniciar já o processo de crescimento gradual e sustentável. Ao nível de emprego esperamos manter o número de colaboradores.

Não sou muito apologista que haja uma inversão do ciclo muito nítida. É um processo de ajustes graduais e contínuos.



Luís Mira Amaral
Presidente do Banco BIC

1 Infelizmente, julgo que a economia vai continuar em contracção. A procura interna vai continuar a sofrer com a austeridade e a procura externa (exportações) será vítima do arrefecimento económico europeu.

2 No Banco BIC vamos continuar a crescer nos depósitos e no crédito concedido, mas faremos apenas algumas admissões selectivas em função das nossas necessidades de quadros qualificados.

A procura interna vai continuar a sofrer com a austeridade e a externa será vítima do arrefecimento económico europeu.



Francisco de Oliveira Fernandes
Administrador executivo
do Banco Carregosa

1 Não estamos à espera de que 2013 seja um ano fácil. O que esperamos é que o esforço que estamos a fazer viabilize o acesso aos mercados e a estabilidade financeira que é essencial a um programa sustentável de crescimento económico.

2 O Banco Carregosa olha para 2013 como um ano de consolidação do crescimento verificado nos últimos dois anos. Julgamos ser possível fazer mais, em quantidade e em variedade. Mas temos uma grande tradição de conservadorismo de que não vamos desfazer-nos: o crescimento será essencialmente orgânico, pela via de ganhos de eficiência e centrado nos nossos segmentos de especialização: poupança e investimento. Um dos efeitos

positivos desta crise foi o de alertar para a importância da poupança - poupar voltou a ser uma atitude ética, de sabedoria e de inteligência. Hoje as pessoas sentem-se realizadas com a poupança e não apenas com o consumir. Mas não basta poupar, é preciso rentabilizar a poupança e é esta a verdadeira vocação do Banco Carregosa. Temos, pois, razões para acreditar que continuaremos a aumentar em clientes e activos sob gestão. Se estivermos certos, pode haver, porventura, necessidades específicas de reforçar recursos humanos em algumas áreas que venham a ter um crescimento mais acentuado.

Um dos efeitos positivos desta crise foi o de alertar para a importância da poupança - poupar voltou a ser uma atitude ética, de sabedoria e de inteligência.



João Costa Pinto
Presidente
do Crédito Agrícola

1 A evolução económica em 2013 vai ser muito marcada pelo impacto da subida de impostos sobre o rendimento que, como sabemos, decorre do Orçamento que acabou de ser aprovado na Assembleia da República. Impacto que vai fazer-se sentir sobre uma economia já substancialmente enfraquecida pelo movimento recessivo induzido pelo programa de reequilíbrio financeiro e reforma estrutural lançado na sequência da assinatura do memorando. Neste contexto não me parece razoável ter expectativas de relançamento económico.

2 O Crédito Agrícola tem vindo a enfrentar as pressões

que decorrem da crise a partir de uma posição de relativo conforto devido à sua situação de liquidez e solvabilidade. No entanto, como banco cooperativo não se encontra imune à evolução da actividade económica que em 2013 deve continuar a ser recessiva. Neste contexto, o Crédito Agrícola vai, sobretudo, continuar a praticar uma banca de proximidade e consolidar a sua posição no sistema financeiro português.

A evolução económica em 2013 vai ser muito marcada pelo impacto da subida de impostos sobre o rendimento.



Jorge Magalhães Correia
Presidente
da Fidelidade Seguros

1 Os analistas coincidem em adiar a fase de recuperação para 2014. Pessoalmente, creio que um dos efeitos mais preocupantes desta longa crise é o fatalismo que nos está invadindo, em boa parte resultante de um processo continuado de enfraquecimento das instituições. É preciso combater o fatalismo para anteciparmos a recuperação, pois só uma sociedade consciente das dificuldades e dos sacrifícios, mas confiante no futuro, pode sair da actual situação fortalecida. Espero, assim, para este novo ano, que o conjunto de instituições nacionais, públicas e privadas, contribuam mais activamente para a consolidação de uma

consciência colectiva de confiança no futuro. Este objectivo de restabelecimento da confiança no nosso destino colectivo, será o lema para o conjunto de objectivos que o nosso grupo segurador se propõe atingir em 2013.

2 O sector segurador acompanha a evolução da actividade económica, pelo que 2013 será, inevitavelmente, um ano difícil. Contudo, no nosso caso não será certamente

Espero, para este novo ano, que o conjunto de instituições nacionais, públicas e privadas, contribuam mais activamente para a consolidação de uma consciência colectiva de confiança no futuro.

muito mais difícil que os últimos cinco anos. O sector segurador tem demonstrado capacidade para ultrapassar cenários bastante adversos, sem precisar de ajudas dos contribuintes nem de ajustamentos significativos no nível de emprego. Tem, também, continuado a melhorar os seus níveis de eficiência, tendo-se transformado num dos mais céleres de Europa na prestação de serviço a clientes e lesados, como é evidenciado em vários barómetros internacionais. O progresso que o sector segurador tem feito para melhor servir a sociedade portuguesa, a que acresce, no caso das empresas da Caixa Seguros, a experiência e imagem de confiança e solidez que temos junto do público, faz-nos acreditar que estaremos melhor posicionados para actuar em áreas mais vulneráveis, como a saúde e a reforma, mitigando dessa forma o efeito do inevitável recuo do Estado nesses domínios. Por outro lado, acreditamos também que um peso maior dos seguros pessoais em detrimento dos seguros obrigatórios, acelerará o processo de modernização do sector e dos seus canais de distribuição.



Pedro Brito e Cunha

Presidente executivo da Tranquilidade

1 Não se antevê a retoma da economia portuguesa antes de 2014. O programa de ajustamento em curso, negociado com a 'troika' para restabelecer os "macro" equilíbrios necessários a um desenvolvimento sustentado, provoca a curto prazo efeitos recessivos. As reformas estruturais destinadas ao reforço da nossa competitividade, mesmo que bem concretizadas, demorarão tempo a produzir resultados visíveis. Em 2013, prosseguirá a desalavancagem da economia com a manutenção das restrições ao seu financiamento, e surgem novos cortes no rendimento das famílias e das empresas - consumo e investimento irão assim retrair pressionando a subida do desemprego. O crescimento das exportações, designadamente para mercados além da União Europeia e em sectores de maior valor acrescentado, apenas atenuará o cenário de contracção da procura doméstica.

2 O quadro macro-económico exposto imporá desafios muito exigentes ao sector segurador (não-vida e vida) em 2013. Os diversos operadores terão de saber actuar conscientemente num ambiente de forte pressão sobre os prémios (volume e preço) e sobre os resultados, preservando sempre níveis adequados de solvência. Neste contexto, as respostas para promover o desenvolvimento equilibrado devem assentar cada vez mais em factores como a capacidade de inovação na oferta e na abordagem comercial, a diferenciação pela qualidade, o adequado ajustamento dos preços aos riscos, a optimização da eficiência operacional e a proximidade permanente aos mediadores/clientes. Nesta direcção, o sector continuará a bem servir a economia, mantendo sem sobressaltos os níveis de emprego que hoje oferece. Apenas alterações do lado da oferta poderão alterar com algum significado este figurio.



José de Sousa

Presidente da Liberty Seguros

1 Creio que só mesmo com uma bola de cristal disponível seríamos capazes de fazer previsões antes de ter decorrido pelo menos um trimestre do exercício de 2013. A economia de um país rege-se

muito (também) por expectativas e sentimentos, e não sabemos o que as pessoas e os empresários farão quando os cortes em várias frentes se começarem a fazer sentir no orçamento familiar. O padrão de consumo das famílias determinará o que nos vai acontecer em 2013. A economia assente na exportação, diversificada por mercados (obviamente não os que exportam para a Espanha ou para a Grécia...), possivelmente começará a sentir melhorias. A economia como um todo (PIB) irá contrair-se indiscutivelmente. A pergunta é se o valor estará perto das previsões governamentais, mais suaves (mas o nosso



João Leandro

Presidente da AXA

1 O ano de 2013 será, em princípio, marcado por uma recuperação da economia a nível mundial, em particular no segundo semestre do ano. O 'gap' orçamental que existe nos EUA não deverá impedir a sua recuperação económica em 2013, que deverá ser apoiada numa maior dinâmica

do sector privado. Contudo, a zona euro continuará ainda a ser marcada pela recessão. Em Portugal, este impacto negativo / estagnação da economia europeia será ainda mais acentuado, quer pela dinâmica da economia europeia, atrás referida, quer pelas fortes medidas que o Orçamento do Estado para 2013 contempla, ao nível do aumento da carga fiscal (em particular nos impostos directos) e consequente redução do rendimento disponível. Neste enquadramento, é expectável que a economia continue em forte contracção.

2 No caso concreto da AXA Portugal, não obstante este enquadramento recessivo da economia, esperamos manter o volume de negócios, sendo que o



Diogo da Silveira

Presidente da Açoreana

1 A actividade económica em Portugal vai continuar em contracção, ainda que de forma menos significativa do que a registada este ano. 2013 não será um ano de crescimento (Average Of Period), mas sim de inversão (End Of Period). Apesar da contracção a que ainda vamos assistir, ao longo do próximo ano, os indicadores apontam para uma tendência de recuperação que deverá começar a ser visível no último trimestre de 2013.

Acredito que 2014 já será positivo.

2 Olhando para o actual contexto económico e para as previsões para o próximo ano, estou certo de que 2013 será mais um ano de desafios, onde os vários sectores voltarão a ser postos à prova. O sector segurador não irá registar um crescimento de produção nos prémios brutos emitidos, pelo que terá como desafio reduzir os custos para alcançar o equilíbrio das suas contas de exploração, nomeadamente dos ramos de acidentes de trabalho e de saúde. Por outro lado, será necessário gerir as carteiras de investimento e de ativos com ainda maior flexibilidade e capacidade de adaptação não só à conjuntura económica, como às recentes alterações legislativas; continuando a selectiva política de alocação de ativos que permita conjugar níveis de segurança e solidez muito confortáveis com rentabilidade.

CITIBANK

-5%

O Citibank tem das previsões mais catastrofistas para 2013 ao prever uma contracção superior aos 5%.

Governo não tem um bom 'track record' em termos de acerto de previsões..., ou das mais catastrofistas previsões de algumas instituições bancárias internacionais, como o Citibank, que previu uma contracção superior aos 5% para 2013.

2 A Liberty Seguros tem-se desenvolvido a contra-ciclo no mercado, crescendo num mercado que tem vindo a diminuir consideravelmente, tanto em não-vida, como particularmente em vida. Pensamos que 2013 vá ser mais um bom ano para nós, estamos a trabalhar para isso e foi esse optimismo reflectido no orçamento e plano estratégico que foi mandado para Boston.

nosso foco será a retenção de bons clientes e aposta em determinados segmentos de mercado menos impactados pela crise. Há também nichos de negócio interessantes que podemos explorar. Procuraremos, por outro lado, responder ao momento da economia, com a oferta de produtos mais simples, que cubram as coberturas obrigatórias por lei e os requisitos básicos do consumidor, como é o caso do PROTEC SIMPLY (seguro

Em Portugal, o impacto negativo/ estagnação da economia europeia será ainda mais acentuado.

automóvel), lançado em finais de 2011 e recentemente disponibilizado em versão online. Estaremos disponíveis para encontrar soluções que facilitem o pagamento dos prémios dos nossos clientes, dentro do quadro legal existente. Por outro lado, estes momentos também têm de ser encarados como momentos de oportunidade, por isso estamos a trabalhar intensamente na melhoria da eficiência operacional da Companhia, que nos levem a ser mais competitivos e, desta forma, poderemos melhor servir os clientes AXA. Neste contexto, não esperamos criação de emprego líquido na AXA em 2013, embora para funções muito específicas, admitamos admissões na companhia.



António Bico

Presidente executivo da Zurich em Portugal

1 O próximo ano será, como se pode antever, um ano difícil para as famílias e para as empresas. Assistimos já em 2011 a uma quebra acentuada dos indicadores de produção da actividade seguradora e 2012 evidencia uma tendência semelhante, o que reflecte naturalmente o contexto económico que enfrentamos. Face a este ambiente e considerando as medidas de austeridade já anunciadas para o próximo ano, as expectativas não são muito animadoras. Se por um lado

estas medidas irão afectar o orçamento das famílias e, como tal, o consumo, por outro, este mesmo ambiente estimula uma gestão mais rigorosa dos rendimentos disponíveis.

2 A Zurich tem um plano realista para 2013, com base nos indicadores disponíveis e no contexto actual. É evidente que o mercado vai continuar a retrair-se e o nosso plano não é indiferente a este contexto. No entanto, fizemos recentemente uma reorganização interna que nos permite estar bem preparados para o futuro. Para além disso, a Zurich faz parte de um sólido grupo internacional e beneficia dessa robustez e experiência.

Este ambiente estimula uma gestão mais rigorosa dos rendimentos disponíveis.



Gonçalo Pereira Coutinho

Presidente da Patris

1 A economia portuguesa deverá permanecer em recessão em 2013, o terceiro ano consecutivo de contracção do Produto Interno Bruto, traduzindo o efeito recessivo provocado pelas políticas de contenção orçamental implementadas e o elevado endividamento que o sector privado continua a apresentar.

A forte queda que temos observado nos últimos dois anos na procura doméstica deverá prolongar-se em 2013. O consumo privado, componente que representa cerca de dois terços do Produto Interno Bruto do país, deverá continuar em contracção. Não só a elevada taxa de desemprego continuará a representar um factor negativo para o sentimento dos consumidores, como as medidas orçamentais implementadas pelo Governo limitam de forma crescente o rendimento disponível para consumo. No que se refere ao investimento, 2013 deverá ser mais um ano de forte queda, reflectindo o declínio observado na área da construção (nas suas componentes residencial e não residencial), a contracção da procura interna e a envolvente de maior dificuldade de acesso ao crédito, ou seja, a desalavancagem empreendida pelo sector bancário nacional. As boas notícias poderão estar reservadas para a evolução das exportações líquidas. As importações deverão permanecer em queda, enquanto as exportações deverão continuar a conseguir compensar, pelo menos parcialmente, a contracção esperada para a procura doméstica. Aliás, poder-se-á dizer que a evolução das exportações portuguesas traduz uma maior competitividade da nossa economia, fruto de uma gradual redução nos seus custos relativos de produção. Para isso, a evolução da economia global será fundamental. A esse respeito, refira-se que 2012 termina com indícios de estabilização na economia da China, após ter fornecido sinais de abrandamento ao longo de

grande parte do ano. Por outro lado, se as negociações orçamentais nos EUA (no que é usualmente designado pelo tema do 'Fiscal Cliff') forem bem-sucedidas, a economia norte-americana deverá manter-se sustentada, tendo em conta o impacto positivo da recuperação do mercado de construção residencial (uma das principais surpresas positivas em 2012) e uma provável recuperação do investimento privado. Com a esperada contracção da procura doméstica e o contributo positivo (e crescente) da procura externa poderemos dizer que o programa de reestruturação do país continuará em curso. Tal continuará a ser visível no comportamento da balança comercial e da balança de transacções correntes. Aliás, quando medidas em percentagem do PIB, ambas poderão registar em 2013 excedentes, importante numa altura em que Portugal se prepara para voltar aos mercados de dívida soberana (Setembro de 2013).

2 A Patris Investimentos registou em 2012 um crescimento muito significativo da sua actividade financeira, tanto a nível de corretagem de valores mobiliários e de outras classes de activos, como a nível dos volumes de activos sob gestão, que ascendem, actualmente, a cerca de 500 milhões de euros. O crescimento do negócio financeiro da Patris em 2013 continuará a ser bastante relevante, o que determinará seguramente o reforço selectivo da equipa de colaboradores.

Não só a elevada taxa de desemprego continuará a representar um factor negativo para o sentimento dos consumidores, como as medidas orçamentais implementadas pelo Governo limitam de forma crescente o rendimento disponível para consumo.



Rui Cartaxo

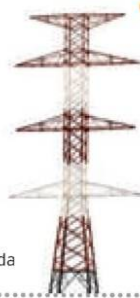
Presidente executivo da REN

1 Acredito que o nível de actividade económica se mantenha mais ou menos constante ao longo de 2013.

2 A REN vai manter um nível muito relevante de investimento nos próximos anos: cerca de 1000 milhões de euros no período 2012-2016. Esta é uma boa notícia para a economia portuguesa por dois motivos: o primeiro é que boas infra-estruturas de transporte de energia contribuem para baixar o preço da electricidade e do gás nos utilizadores finais, pois tornam a circulação da energia mais fácil e promovem a concorrência no sector. Isto é fundamental para melhorar a competitividade, em particular nos tempos em que vivemos e quando se fala da crescente importância da reindustrialização da

Europa como desígnio de futuro. Segundo, porque os investimentos da REN são feitos essencialmente com valor acrescentado nacional. Trabalham connosco cerca de trezentos fornecedores qualificados, 90% dos quais são empresas portuguesas. Por fim, o processo de internacionalização que iniciámos na REN é crucial para acelerar o seu crescimento e diversificar o risco de exposição a um só mercado. Temos estado a prospectar oportunidades fundamentalmente em África e na América Latina. Este processo cria oportunidades aliciantes de trabalho aos quadros da REN - alguns já muito envolvidos em projectos específicos - mas a evolução do emprego criado por este processo é por enquanto difícil de quantificar com precisão.

Boas infra-estruturas de transporte de energia contribuem para baixar o preço da electricidade e do gás nos utilizadores finais.



Mário Vaz

Presidente executivo da Vodafone Portugal

1 O ano de 2013 será, à semelhança de 2012, realizado num contexto económico e financeiro nacional e internacional difícil, em resultado do qual foram adoptadas, pelo Governo português, medidas de austeridade de grande impacto na maioria da população. À semelhança da quase totalidade dos sectores do mercado português, o mercado das telecomunicações também tem sido afectado pela actual crise económica, tanto no segmento empresarial, onde as Empresas procuram otimizar e reduzir os seus encargos, como no segmento de consumo, onde os clientes particulares se vêem afectados pela redução dos seus rendimentos disponíveis. Estimamos que em 2012/13 (ano fiscal Vodafone) o mercado de telecomunicações tenha visto o seu valor reduzido em 5,3%, com uma assimetria entre o mercado das comunicações móveis, no qual esta quebra se terá cifrado em 7,5%, e o mercado das comunicações fixas, onde esta redução terá correspondido a 2,6%.

2 De acordo com estimativas internas, não será ainda no próximo ano que o mercado de telecomunicações voltará a crescer. A crise económica e financeira e o plano de austeridade a que os portugueses estão sujeitos continuarão, inevitavelmente, a ter impacto no sector das telecomunicações e no negócio. A área de recursos humanos não é imune a esta tendência, sendo certo que eventuais reajustamentos ou opções de recrutamento dependerão sempre da evolução do mercado e da economia e das necessidades diagnosticadas pelas diferentes áreas da empresa. Neste momento está a decorrer na Vodafone Portugal o recrutamento para o Atlantic NOC (Network Operations Center) - o centro de monitorização das redes de Espanha, Reino Unido e Irlanda, localizado no Edifício Sede da Vodafone Portugal, no Parque das Nações. A Vodafone Portugal foi escolhida pelo Grupo Vodafone para alojar este que será um dos dois únicos Centros de



Raúl Santos

Partner da SunEnergy

1 Todas as projecções conhecidas de entidades nacionais e internacionais apontam para a continuação da contracção económica em 2013, divergindo apenas na amplitude dessa mesma contracção. Parece-nos sensato contar com esse cenário, uma vez que a redução do rendimento disponível e a falta de confiança são factores que deverão provocar uma diminuição da procura interna em 2013.

2 As nossas previsões são muito cautelosas, sobretudo para o primeiro semestre do

ano, e apontam para uma estagnação dos resultados ou mesmo alguma contracção. Também ao nível do emprego, não nos parece que os níveis de confiança sejam favoráveis à criação de emprego no sector. No caso particular da SunEnergy, estamos neste momento a trabalhar activamente para tentar contrariar as previsões mais pessimistas.

Todas as projecções conhecidas de entidades nacionais e internacionais apontam para a continuação da contracção económica em 2013, divergindo apenas na amplitude dessa mesma contracção.



Operações de Rede do Grupo Vodafone na Europa. Nele vão trabalhar aproximadamente 150 pessoas, das quais cerca de 120 correspondem à criação de novos postos de trabalho, sendo os engenheiros e técnicos especializados os perfis mais procurados.

Por outro lado, é fundamental referir que num mercado em mudança vertiginosa, como o das telecomunicações, é essencial a introdução de novas formas de pensar e inovar em novas competências. Daí a importância dada ao desenvolvimento de programas reconhecidos como estratégicos ao nível da gestão de capital humano da Vodafone, como é o caso do Discover Vodafone Graduates Programme, que está em curso e que tem como objectivo captar e reter jovens com elevado potencial para a Vodafone. Este, em particular, é um desafio que a Vodafone decidiu propor aos recém-licenciados de elevado potencial com o objectivo de conhecerem o sector das telecomunicações. Durante um ano, os novos 'graduados' têm a possibilidade de conhecer funções diferentes e participar em projectos onde poderão deixar a sua marca. O forte investimento da Vodafone no programa, que tem tido resultados bastante positivos, está reflectido no elevado envolvimento da gestão de topo que participa no processo de selecção, acompanhamento e desenvolvimento ao longo do percurso na empresa.

Neste momento está a decorrer na Vodafone Portugal o recrutamento para o Atlantic NOC (Network Operations Center) - o centro de monitorização das redes de Espanha, Reino Unido e Irlanda, localizado no Edifício Sede da Vodafone Portugal, no Parque das Nações.



Luís Paulo Salvado

Presidente executivo da Novabase

1 Em 2013 continuaremos a sentir o impacto das medidas de austeridade, prolongando-se a contracção na economia, sobretudo na primeira metade do ano. Estas medidas procuram ajustar o sobre-endividamento dos agentes económicos - Estado, famílias e empresas - induzindo uma redução na procura interna, mas também o crescimento das exportações. Se este fenómeno se mantiver atingiremos, já em 2013, o equilíbrio das contas externas, o que é um marco fundamental para a sustentabilidade da nossa economia.

Externamente existem outros sinais positivos. Na Europa, destacaria a capacidade recentemente demonstrada para a estabilização da crise das dívidas soberanas na zona euro (que, a prazo, conduzirá à desvalorização gradual do euro) e o início da discussão sobre a "mutualização" das responsabilidades sociais dos países (evidente, por exemplo, nos mecanismos europeus de combate ao desemprego). Os EUA irão crescer e, nos países emergentes, a procura interna continuará também a expandir-se, criando novos mercados.

Ainda assim, subsistem alguns focos de preocupação, como o abrandamento das economias de alguns dos nossos principais parceiros comerciais europeus, e as incertezas que resultam do pacote de austeridade que o congresso americano vai propor para tornar o nível de dívida americana sustentável. Globalmente, se os focos de preocupação não se materializarem muito negativamente, é expectável que a economia portuguesa consiga iniciar algum

crescimento, ainda que ténue, no final de 2013 - também porque os dados comparativos vão sendo mais favoráveis.

2 O ciclo económico do negócio das Tecnologias de Informação (TIs) é tradicionalmente mais

As empresas que têm vindo a internacionalizar-se poderão crescer, se o 'mix' de negócio externo que conquistam superar a contracção do negócio nacional.

pronunciado do que o da economia em geral e, por isso, é também de prever a contracção do sector, à semelhança do que aconteceu nos últimos dois anos. As empresas mais fortes, com os balanços mais robustos, poderão eventualmente beneficiar de alguma concentração no sector por redução de capacidade instalada e eliminação dos 'players' mais débeis e sobre endividados, mas não é expectável que este fenómeno ocorra já em 2013.

As empresas que têm vindo a internacionalizar-se poderão crescer, se o 'mix' de negócio externo que conquistam superar a contracção do negócio nacional. Por exemplo, fruto do seu processo de internacionalização, a Novabase tem conseguido crescer nos serviços e com isso criado centenas de postos de trabalho altamente qualificados para os nossos jovens recém-diplomados. Só em 2012 a Novabase criou mais de 250 postos de trabalho líquidos em Portugal, apesar da crise intensa no nosso país.



Francisco Santana Ramos

Presidente executivo da Reditus

1 Estamos em crer que 2013 não será um ano de recuperação para a economia portuguesa e que as empresas, de uma forma geral, terão que continuar um esforço significativo para resistir

a este período. Este será muito certamente um período em que as empresas terão que reinventar os seus negócios, desenvolver novas propostas de valor e encontrar novos mercados aqui e além fronteiras.

2 Apesar dos principais analistas do nosso sector afirmarem que o mercado está a contrair, a Reditus tem conseguido crescer, como demonstram os nossos resultados do terceiro trimestre, recentemente apresentados. Acreditamos que vamos conseguir manter o crescimento em 2013, o que, a confirmar-se, representará naturalmente um reforço das nossas equipas.



António Castro Henriques

Presidente da Soares da Costa

1 A inversão de tendência pode acontecer quando menos se espera: sim é possível que em 2013 desponham os primeiros sinais de recuperação.

2 A produção do sector da construção em Portugal continuará a cair e o mesmo sucederá com o emprego; não é impossível que a procura ao sector reanime - ou, pelo menos, estabilize - cerca do final do ano; o futuro das empresas mais competitivas não estará, porém, dependente da evolução do mercado doméstico.



Nuno Santos

Director-geral Gfi Portugal

1 Os pressupostos macro-económicos da proposta de Orçamento do Estado e as previsões de instituições nacionais e internacionais

convergem na antecipação do quadro de recessão. Para o país como um todo, parece-nos claro que será um ano pior do que 2012.

2 A Gfi Portugal tem vindo a fazer ajustamentos importantes de funcionamento, por um lado, e de posicionamento no mercado nacional e internacional, por outro que, não obstante o enquadramento macro-económico, lhe permitem lutar por objectivos de crescimento em volume e rentabilidade da sua actividade em 2013.



José Teixeira

Presidente do Grupo Domingos da Silva Teixeira

crescimento. Se por outro lado existir flexibilidade da "troika Europa" e for possível chegar dinheiro, a preços competitivos (baixa drástica dos 'spreads'), às empresas para criar emprego existirá também aumento do consumo interno, aumento das exportações e, em consequência, aumento da receita fiscal o que significa disponibilidade de 'cash' para pagar os compromissos da dívida.

2 A DST tem imensas portas de entrada de negócio. A sua diversificação, nomeadamente para produtos e serviços que continuam a ser consumidos, continuará a gerar oportunidades de crescimento de emprego e em consequência de riqueza.



Jorge Meneses
Director-geral da Profico

1 Considero que dum modo geral não haverá condições para se iniciar a recuperação da economia, pois a retracção é estendida ainda que com graus diferentes, aos nossos principais parceiros económicos, que de outro modo, poderiam proporcionar-nos acréscimos de exportações que poderíamos ser um bom contraponto às nossas dificuldades. Assim, apenas com a ajuda dos mercados emergentes, será muito difícil compensar as quebras na actividade económica, embora haja subsectores que poderão conseguir atenuar significativamente as suas dificuldades.

2 Especificamente no grupo Profico lutamos para manter os postos de trabalho e se possível, manter os rácios de gestão em níveis aceitáveis, compensando a considerável quebra nas vendas no mercado interno com ganhos de eficiência e sobretudo com acréscimos significativos de vendas em mercados emergentes de língua portuguesa. Estamos portanto numa estratégia activa de acção internacional, que no entanto não permite pensar em criar emprego (porém haverá transferência de recursos humanos da área interna para o sector internacional), não esperando no cômputo global crescimento do negócio mas outrossim alteração no tipo e localização dos clientes. O nosso objectivo para 2013 passa por sedimentar as mudanças já em curso, ainda que as expectativas sejam de que no cômputo global os recursos e os resultados se mantenham ao nível de 2012.

Apenas com a ajuda dos mercados emergentes, será muito difícil compensar as quebras na actividade económica.



Henrique Lehfeld
Presidente executivo da Hörmann Portugal

1 Parece-me demasiado ambicioso esperar uma recuperação em 2013. No entanto, torna-se claro que começam a emergir, em Portugal, novas empresas ou empresas renovadas, devidamente preparadas para competir em contextos mais exigentes e sofisticados.

2 Para o próximo ano prevemos um crescimento moderado no mercado nacional e descolar até aos dois dígitos no internacional. Apesar do sector da construção ter mergulhado numa profunda crise, iremos aproveitar a dinâmica de renovação e manutenção industrial. Nos

PALOP, onde somos a única filial da multinacional a actuar, contamos continuar a merecer confiança no binómio de sucesso: força da marca e a excelência técnica. Para prosseguir o reforço da nossa presença nestes mercados, são essenciais novos colaboradores para nos apoiarem no desenvolvimento de competências.

Parece-me demasiado ambicioso esperar uma recuperação em 2013.

Para o próximo ano prevemos um crescimento moderado no mercado nacional e descolar até aos dois dígitos no internacional.



Carsten Oder
Presidente da Mercedes-Benz Portugal

1 Vivemos um período de dificuldades económicas que se reflectem ao nível social e que têm influenciado negativamente todos os mercados, em particular o da indústria automóvel. Em Portugal, este é especialmente agravado pela austeridade sentida pelos portugueses e pela incerteza sobre futuras medidas penalizadoras do rendimento disponível das famílias que ainda possam ser implementadas em 2013. A dificuldade do acesso ao crédito por parte das empresas e dos particulares, a ausência de incentivos ao desenvolvimento de novos negócios e uma crescente imigração por parte da população mais jovem é um claro e evidente sinal de que o nosso país está a passar pela fase mais crítica desde o início da crise mundial em 2008. O próximo ano será certamente um ano de grandes desafios para a nossa

economia, empresas e particulares não estando para já visível uma fase de recuperação em pleno, mas sim de diversos ajustes em várias áreas da economia, tanto do lado da despesa como da receita. Existem alguns indicadores ainda muito ténues que mostram que a economia poderá "dar a volta", mas este ajustamento demorará o seu tempo. Não podemos ainda falar de uma recuperação económica, mas naturalmente que a implementação de novas políticas e o "ajuste natural" do mercado levará a um reajuste da forma como vivemos económica e socialmente. É um momento difícil para todos os operadores no mercado, em especial para as empresas que dependem do mercado interno. Apenas com muita determinação e medidas de fundo serão feitos os ajustes ao nível da política económica interna. As empresas em geral terão de se voltar para outros mercados e crescer fora do nosso país. Deste modo, a economia deverá continuar em contracção até se iniciar o ajuste natural do mercado e o início da fase de recuperação, que não deverá acontecer antes de 2014.

2 Com o actual cenário da economia portuguesa é sempre difícil falar em crescimento, especialmente num sector como o automóvel que tem vindo a ser um dos mais penalizados com quedas



Alfredo Amaral
Director-geral da Peugeot

1 Não acreditamos numa recuperação em 2013. Todos os indicadores apontam no sentido contrário, inclusivamente até o próprio Governo, antecipando um 2013 ainda mais difícil e em contracção.

2 O nosso sector não é excepção, estando previsto um mercado abaixo das 100.000 viaturas, que significa ainda um decréscimo face a 2012. Dificilmente 2013 será um ano de criação de emprego. A actividade de comércio e reparação automóvel estão neste momento no seu limite

máximo, não tendo mais elasticidade para uma quebra de mercado, antecipando-se assim um cenário menos positivo face a 2012, onde a redução de postos de trabalho e o fecho de algumas empresas do sector, serão uma realidade.

Antecipa-se um cenário menos positivo face a 2012, onde a redução de postos de trabalho e o fecho de algumas empresas do sector, serão uma realidade.

sucessivas desde o ano de 2000. Para termos a noção, o mercado automóvel de ligeiros de passageiros deverá terminar o ano de 2012 abaixo das 98.000 unidades vendidas quando já foi cerca de 300.000 há cerca de 12 anos e tem estado estabilizado próximo das 200.000 unidades nos anos mais recentes. Não há

O nosso país está a passar pela fase mais crítica desde o início da crise mundial em 2008.

Existem alguns indicadores ainda muito ténues que mostram que a economia poderá "dar a volta", mas este ajustamento demorará o seu tempo.

portanto forma de falar em crescimento de vendas, mas no caso da Mercedes-Benz, de um reforço da nossa quota de mercado e da posição relativa no 'ranking' das marcas onde subimos algumas posições. Acreditamos que a actual ofensiva de novos produtos como o novo Classe A e Classe B, bem como a criação de propostas comerciais interessantes para as gamas superiores sejam uma grande mais-valia para o nosso negócio e para os nossos clientes, ajudando assim a reforçar a nossa posição no segmento 'premium'. No que diz respeito à criação de emprego, a Mercedes-Benz Portugal mantém a sua estrutura de recursos humanos idêntica aos anos anteriores, uma vez que o ajustamento já tinha sido feito em anos anteriores, pois prevíamos que esta contracção do mercado viesse a acontecer tal como se verificou. Nunca pensámos, no entanto, que fosse tão violenta. É certo que continuamos a apostar na contratação estratégica de bons profissionais que ajudem a desenvolver o nosso negócio, apostando igualmente na criação de valor para jovens licenciados que procuram a sua primeira experiência profissional junto da nossa empresa. Exemplo disso é a integração nos quadros da empresa de quatro recém-licenciados em 2012 que iniciaram o seu percurso profissional com a Mercedes-Benz em 2011 como estagiários.



João Mattosinho
Director-geral da PSA

1 Creio que sim. Ficou claro entre o fim de 2011 e quase todo o ano de 2012 que estamos numa saída de crise em W. Depois de tantos meses no segundo ponto baixo, porque não admitir uma melhoria? A Europa, apesar de tantas críticas por estar no olho do furacão da crise actual, e na demora em tratar o tema das dívidas soberanas, sempre encontrou uma saída no passado para colocar a sua economia nos trilhos. Creio que os mercados e os líderes políticos encontrarão uma

saída da crise robusta. Um pouco mais de solidariedade entre os países credores e os países devedores pode ser uma boa surpresa em 2013.

2 A PSA Mangualde ajustou-se a nova realidade do mercado no início de 2012. A nossa empresa baixou as velas pois era a única forma de enfrentar a tempestade. Mas já estamos a ver sinais ainda fracos, porém positivos, de tempos melhores. A visibilidade ainda é muito baixa no nosso sector, fazer uma leitura completa do ano seria bastante imprudente na altura. Vemos um primeiro trimestre muito positivo com um aumento significativo da produção dos Peugeot Partner e Citroen Berlingo. Começamos, portanto, o ano com o pé direito. Mantendo dois ou três trimestres num bom ritmo de produção, a criação de emprego poderá ocorrer naturalmente em seguida.



José Caro de Sousa
Director-geral da Renault Portugal

1 Os dados de que dispomos são aqueles que são públicos e que apontam para uma contracção da economia em 2013. Eventualmente a economia poderá ter comportamentos diferentes nos dois semestres (maior contracção no primeiro semestre e alguma recuperação no segundo), mas todos os indicadores disponíveis apontam para a queda da actividade económica em 2013.

2 No caso do sector automóvel, e no caso específico da Renault Portugal deveremos fazer face a duas realidades eventualmente distintas: a actividade comercial com um mercado que nas perspectivas mais optimistas será ao mesmo nível de 2012. A Renault irá defender a sua posição de liderança e o Grupo (Renault + Dacia) pretende manter uma quota de mercado em torno dos 12,5% (Veículos de Passageiros + Comerciais ligeiros); a actividade industrial. A fábrica de Cacia registou um bom ano de 2012, com crescimento da actividade e crescimento do nível de emprego. Apesar de ser absolutamente prematuro dar qualquer perspectiva concreta para 2013 estamos convictos que Cacia, pela sua competitividade e pela diversidade de "mercados" que fornece, manterá uma evolução favorável em 2013.



João Costa
Presidente da Associação Têxtil e Vestuário de Portugal

1 Quero ter a expectativa que vai iniciar-se um processo de recuperação da economia portuguesa e da economia da Europa e dos Estados Unidos da América. Penso que 2013 será o ano da afirmação da economia na Europa. Deverá iniciar-se uma dinâmica de crescimento no segundo semestre de 2013.

2 Este ano o sector têxtil não registará crescimento em relação a 2011. No emprego também não teremos tido globalmente crescimento. Terá havido até uma diminuição nas empresas que

dependem do mercado interno. A contracção da economia a nível interno reflectiu-se numa quebra de 25 a 30% nas vendas em 2011 e 2012. É uma situação muito, muito difícil e as empresas, mesmo resistindo numa primeira fase, não conseguem resistir sempre. Nas empresas que trabalham para o exterior poderá ter havido algum crescimento no emprego. O sector têxtil é premonitório do andamento da economia nacional e internacional e está a revelar sinais de vitalidade e até de melhoria. Interpreto que possa

haver uma melhoria a breve prazo. 2013 não será inferior a 2012, poderá ser um ano de melhoria. Nota-se um retorno de clientes que se tinham afastado para o mercado asiático e agora começam a intensificar as encomendas em Portugal.

QUEBRA DAS VENDAS

25 a 30%

A contracção da economia a nível interno reflectiu-se numa quebra de 25 a 30% nas vendas em 2011 e 2012.



José Alexandre Oliveira
Presidente da Riopelo

1 Como empresário, não é só a recuperação de Portugal que importa é da Europa toda. É preciso que a confiança se instale a nível europeu, que haja soluções. Pode ser que a recuperação chegue em Dezembro de 2013.

2 Este ano admitimos pessoas. A Riopelo tem 85 anos de história e sempre esteve preocupada em crescer.



Luís Figueiredo
Administrador da Hall & Ca., que detém a marca Laranjinha

1 As previsões apontam para um 2013 muito austero e exigente para o consumidor e as empresas, o que naturalmente irá manter o quadro de retracção que temos verificado nos últimos tempos. O decréscimo do consumo, em consequência das medidas de austeridade, terá naturalmente sérias consequências para a economia e a sustentabilidade das empresas. No entanto, tal como no ano passado, prevejo um reforço da exportação das empresas portuguesas, o que poderá servir como um estímulo importante para a economia.

2 A Laranjinha tem desenvolvido uma estratégia sólida e sustentável, que tem permitido uma evolução positiva do negócio, mesmo perante o contexto económico difícil que atravessamos. Em 2013 vamos manter a nossa aposta na expansão internacional, com a entrada em novos mercados. Para além disso, pretendemos crescer em mercados nos quais que já estamos presentes, como é o caso de Itália, Reino Unido e Estados Unidos, assim como recuperar vendas noutros países, como por exemplo Espanha.



Paulo Melo
Administrador da Somelos

1 A economia portuguesa vai continuar em retracção.

2 Como a Europa está, se conseguirmos manter o mesmo nível de actividade já é um grande esforço da empresa.

Como a Europa está, se conseguirmos manter o mesmo nível de actividade já é um grande esforço.



Fortunato Frederico
Presidente do grupo Kyaia

1 Se a economia se aguentar já é positivo. Nós estamos apreensivos. O ambiente geral e as perspectivas de negócio apontam para que não seja possível haver crescimento em 2013.

2 Prevemos uma estagnação nas vendas. Baixar não baixará, mas se houver crescimento é marginal. Não estamos a pensar contratar, a não ser um ou outro quadro para colmatar alguma falha.

O ambiente geral e as perspectivas de negócio apontam para que não seja possível haver crescimento em 2013.



Miguel Oliveira
Presidente executivo da AS - Indústria de Calçado (com as marcas Vírus Moda e Chocolate Negro)

1 Acho que não se vai notar ainda uma retoma efectiva. As empresas que trabalham bem vão conseguir sair deste sufoco. Isto para as empresas tem sido um sufoco. Em 2013, tenho expectativa que as empresas vão dar um passo em frente. Já no mercado interno penso que as pessoas vão estar ainda muito receosas e retraídas no consumo.

2 Se concretizar as encomendas que tenho em perspectiva terei de aumentar a minha capacidade produtiva e surgirá oportunidade para a criação de emprego. Nesse caso, também a facturação irá aumentar.



Susana Santos
Directora de relações
externas El Corte Inglés

2 Na nossa opinião, que decorre das várias projecções a que temos acesso e que

temos procurado analisar, haverá mais contracção económica e nova quebra no consumo privado.

2 Considerando que as previsões apontam para uma redução do volume de consumo privado, procuraremos, para manter o nível de vendas, duplicar os nossos esforços para conquistar mais quota de mercado. Queremos, sobretudo, manter postos de trabalho, embora estejamos a considerar a abertura de um novo espaço, com a consequente contratação.



Pires de Lima
Presidente
executivo da Unicer

1 Acredito que, pelos sinais muito positivos que os mercados de crédito e financeiro nos vão dando,

assistiremos a uma inversão de tendência ao longo do segundo semestre. Mas, em termos médios, será infelizmente ainda um ano de recessão e crescimento do desemprego. Nomeadamente para as empresas que dependam do consumo doméstico que continuará em forte queda.

2 Crescimento marginal e todo assente nos mercados internacionais. Emprego estável, com alguma redução no mercado doméstico e crescimento em oportunidades no exterior.



Ronald den Elzen
Presidente executivo
da Sociedade Central
de Cervejas

1 Gostaríamos de perspectivar o ano 2013 como o ano do início de recuperação da nossa economia, mas infelizmente todos os factores se conjugam para a manutenção da tendência da contracção do consumo, como as anunciadas medidas do agravamento do pacote fiscal, para os portugueses, e a manutenção do IVA da restauração na taxa máxima.

2 Com o mercado cervejeiro em Portugal a cair para níveis de consumo per capita de há mais de 30 anos, a sustentabilidade da nossa empresa passa

indubitavelmente por crescermos na exportação, com a questão dos portos resolvida, na construção do segmento 'premium' com a nossa marca Heineken e na inovação com novos lançamentos de produtos e embalagens. Apesar do clima recessivo havido este ano a Sociedade Central de Cerveja anunciou no mês passado a intenção de adquirir a Sodidel com a inclusão de cerca de 230 colaboradores no nosso universo. Aguardamos parecer da Autoridade da Concorrência.

QUEBRA CONSUMO

30 anos

O mercado cervejeiro em Portugal caiu para níveis de consumo per capita de há mais de 30 anos.



João Miranda
Presidente
executivo da Frulact

1 Gostava de ser optimista, mas a verdade é que conjuntura não nos permite pensar que possa haver um processo de retoma já em 2013. Espero estar enganado.

2 Em Portugal seguramente que a actividade da Frulact vai, no limite, manter ou crescer. Temos perspectivas de crescer até 5%, mas é em esforço. Ou seja não vamos crescer porque o mercado cresce, mas porque conseguimos ganhar posições no mercado, o que se torna mais difícil. Conseguimos assim criar menos valor do que se crescêssemos por evolução do mercado. Acredito que possamos criar algum emprego. Mas o nosso foco é fora da Europa para conseguir equilibrar o nosso projecto. Porque a Europa como está, não nos permite crescer. O objectivo será reforçar no Norte de África e no Médio Oriente e reforçar a grande aposta que foi a África do Sul - que esperamos que seja um grande polo de crescimento e que possa diminuir o peso da Europa na nossa exploração. A exposição a Portugal é muito pequena, cerca de 3%, mas na Europa é grande - perto 75%. É esse o nosso grande objectivo.



João Ribeiro
Administrador
da Quinta do Vallado

1 Não vejo condições para a economia portuguesa poder crescer.

2 A Quinta do Vallado cresceu em contraciclo, nos últimos três anos, perto de 100%. Embora não seja impossível voltar a crescer, ficaria satisfeito se voltasse a repetir o volume de negócios de 2012, que se situa entre os 3,8 e os quatro milhões. Não prevejo a contratação de mais pessoas em 2013.



Manuel Tarré
Presidente da Gelpexe

1 2013 não será um ano de recuperação! Admito que no segundo semestre possa haver alguma retoma económica mas sempre muito ténue. Contracção de gastos estará na ordem do dia, ainda mais, nas famílias e empresas.

2 Difícilmente teremos crescimento no volume de facturação. Não querendo ser pessimista mas sim realista, projecto para o próximo ano uma quebra de vendas a aproximar-se dos 10%. Criação de emprego irá sobretudo depender dos níveis de exportação, aqui sim, há sinais positivos.



Marco Lamas
Responsável pela área
de exportações
da Lactínios do Paiva

1 Pelos nossos indicadores vamos ter uma contracção cada vez maior. A recessão será uma evidência resta saber qual será a sua dimensão.

2 Na nossa empresa, para fugirmos a este desígnio estamos a apostar nos mercados externos que estão em grande expansão, e não só os mercados tradicionais. Até estamos a exportar para mercados muito pouco convencionais, que nos estão a permitir equilibrar o desempenho menos positivo do mercado nacional. Além disso, no próximo ano, esperamos um aumento do consumo das marcas brancas, que serão preferidas em relação às marcas de fabricantes. Este vai ser o grande desafio para os produtores de marca. Quanto às perspectivas de crescimento para o próximo ano é tudo muito relativo. Há boas perspectivas e boas hipóteses. É tudo só uma questão de se chegarem a concretizar. Adquirimos recentemente uma nova unidade industrial e prevê-se a expansão e criação de outras unidades para fazer outros produtos tradicionais de lacticínios.



Tomás Roquette
Administrador
da Quinta do Crasto

1 Perante a realidade actual e depois de conhecermos o novo Orçamento do Estado, será muito difícil vislumbrar qualquer tipo de retoma para 2013 numa conjuntura de forte retracção do consumo interno (público e privado) e do investimento. Aliás, o próprio cenário macro-económico para 2013 (com destaque para a retracção do PIB e uma taxa de desemprego em valores historicamente elevados) mantém presentes factores de risco e que poderão condicionar o tão desejado início da recuperação da economia. Contudo, importa destacar que algumas medidas que nos últimos tempos têm vindo a ser discutidas como, por exemplo, uma estratégia concreta de reindustrialização da economia europeia e o apoio ao financiamento/capitalização das PME a custos comportáveis, entre outras, poderão ter um impacto muito positivo para a recuperação da economia em geral já em 2013, ou seja, no meu ponto de vista é vital que finalmente em 2013 o Governo implemente verdadeiras medidas de estímulo ao crescimento económico com especial enfoque no apoio às PME, principalmente as exportadoras para que possam manter a cabeça à tona de água.

2 Para 2013 prevemos um crescimento dos proveitos de cerca de 17%, para perto de cinco milhões, suportado num reforço da aposta em mercados externos, passando dos actuais 34 mercados externos para cerca de 40. Em termos de criação de emprego, pretendemos reforçar a nossa equipa comercial com um novo quadro exclusivamente dedicado à expansão do negócio internacional da empresa, com destaque para novos mercados que consideramos prioritários nomeadamente nos continentes asiático e africano.



Francisco Nogueira
Director-geral da Nespresso

1 2013 poderá ser um ano de viragem se os agentes económicos sentirem confiança nas medidas que estão a ser tomadas, voltando assim ao investimento e ao consumo.

2 O sector alimentar está a assistir a uma modificação nas tendências de consumo, tendo sido 2012 um ano marcante para o consumo de café. Esta tendência está naturalmente a contribuir para o aumento do consumo de café no lar. A Nespresso encontra-se numa situação privilegiada para responder eficazmente a esta tendência, pois oferece ao consumidor a possibilidade de degustar um café de qualidade inigualável, de uma forma prática e acessível, por um valor inferior ao praticado fora do lar. As tendências e o mercado estão, portanto, favoráveis ao crescimento do mercado de café em doses individuais, assim se consiga surpreender o consumidor, cada vez mais exigente. Portugal é um caso de sucesso na Nespresso, e o crescimento da marca no mercado nacional de café tem sofrido uma evolução positiva. A Nespresso aposta fortemente no investimento em Portugal, um mercado prioritário para a marca, onde continua a criar novos postos de trabalho e a surpreender os consumidores. A prova disso é o investimento que acabámos de fazer com a nova Boutique de Cascais. Esta abertura permitiu-nos criar 23 novos postos de trabalho, sendo motivo de orgulho para todos os nossos colaboradores e uma excelente forma de terminarmos o ano.

O sector alimentar está a assistir a uma modificação nas tendências de consumo.



Eduardo Rangel
Presidente do Grupo Rangel

1 Há sem dúvida um certo esgotamento dos empresários que cada dia lutam contra as adversidades criadas por esta crise económica e financeira. Porém, também é verdade que os empresários portugueses conseguem muitas vezes transformar dificuldades em objectivos e procurarem assim soluções o que, em certa medida, está a acontecer sobretudo quer na procura de soluções para exportar os seus produtos e/ou internacionalizarem as suas empresas. Em 2003, prevejo que este será o grande movimento empresarial, o que de certa forma já tem vindo a acontecer, uma vez que mesmo as pequenas e médias empresas procuram soluções no exterior. Devemos também considerar que os empresários procuram hoje exportar para fora da Europa. A nossa actual dependência da Europa não é saudável dada a crise que se instalou de forma generalizada. No que respeita ao mercado nacional, terão que

haver sinais de confiança, sobretudo no cumprimento do Orçamento. Se as previsões se confirmarem, pode gerar-se a partir do primeiro semestre algum optimismo de que o pior já passou. Seria um excelente sinal se conseguíssemos pelo menos estancar o crescimento do desemprego. Tenho alguma esperança que isso possa acontecer. Na verdade, a comunicação social nacional deve também começar a preocupar-se em dar destaque a factos positivos que aconteçam na economia. É urgente criar um clima de confiança e se todos formos conscientes de que o momento requer mais união e mais esforço em conjunto, estou certo que o ano de 2013 não será pior que 2012, e até poderá haver alguma melhoria embora que ligeira. Não podemos esquecer, porém, que a austeridade reduz com grande impacto, na classe média e média alta, a capacidade de consumo, porque não devemos ter grandes expectativas em relação ao consumo interno. Mais uma razão para que os portugueses decidam que o seu grande objectivo seja exportar e, porque não, lutar para que 50% do nosso PIB se realize nas exportações. Será neste sector das exportações e na internacionalização que podemos ter expectativas de combater o desemprego, e melhorar a nossa economia.

2 Nos sectores da logística e transportes, como é sabido, as

expectativas em relação ao mercado interno e às importações não são de grande optimismo, o que afectará todo o sector de distribuição doméstica e de importação internacional, seja por terra mar ao ar. No que respeita alguns nichos de negócio na logística, o Grupo Rangel acredita que se vai manter, ou até melhorar, em 2013. Falo da logística farmacêutica em que crescemos, este ano, 32% e da distribuição ao domicílio com o contributo das vendas por Internet que estão em grande crescimento, quer no mercado nacional, quer no mercado internacional. Também sentimos que fruto de uma gestão cada vez mais virada para o controlo de custos, o 'outsourcing' das funções de logística sobretudo gestão de 'stocks' e movimentações, quer dentro das instalações das próprias empresas, quer nos nossos armazéns, têm vindo a ter taxas de crescimento muito razoáveis. Em 2012 devemos

Seria um excelente sinal se conseguíssemos pelo menos estancar o crescimento do desemprego. Tenho alguma esperança que isso possa acontecer.

crescer 10% neste negócio. O crescimento esperado nas exportações de Portugal, faz augurar uma boa taxa de crescimento no sector dos transportes para exportação, especialmente os transportes marítimos e aéreos que, em 2012, atingiram taxas de crescimento de 8%. Por fim, o sector das empresas portuguesas nestas áreas, sobretudo as de maior capacidade, estão a internacionalizar, acompanhando o movimento dos nossos clientes portugueses. Como é sabido o Grupo Rangel está, sem dúvida, a apostar fortemente na internacionalização. Estamos em Espanha, em Angola desde 2006, com projectos já muito estabilizados. No caso de Angola, somos já uma empresa líder do mercado. Estamos também, desde o início deste ano em Moçambique, onde temos um projecto ambicioso de investimento, e já no início de 2013 estaremos no Brasil de forma também muito activa. Esta será a nossa resposta à crise que vivemos e temos fé que continuaremos a crescer em 2013, como aconteceu em 2012, que cresceremos na consolidação das várias empresas 12%. Em relação ao nosso contributo para o emprego, temos também nesse campo boas notícias. Entre trabalhadores efectivos e temporários e só no mercado nacional, passamos de 1.083 em 2011 para 1.221 em 2012, o que representa um crescimento de emprego de 13%.



Rui Miguel Nabeiro
Administrador do Grupo Delta Cafés

1 Em 2013 continuaremos em contracção.

2 Olhando para a actual conjuntura económico-social o crescimento vai passar pela exportação que cada vez mais terá um maior peso no nosso grupo, o que implicará também por um reforço da nossa estrutura nesses mercados.

Em 2013 continuaremos em contracção.



Bruno Bobone
Presidente do Grupo Pinto Basto

1 Em 2013, a economia vai registar uma recuperação e será o princípio de uma retoma que trará efeitos mais visíveis para o ano de 2014.

2 Quanto ao Grupo Pinto Basto o crescimento perspectivado é de 30%, fundamentalmente motivado pela internacionalização do Grupo, nomeadamente em Angola, Moçambique e Brasil, e também pelo resultado dos investimentos efectuados nos últimos anos, apesar da crise.



Manuel Silva Rodrigues
Presidente da Carris/ML

1 A economia vai continuar em contracção, conforme todas as previsões indicam. Admite-se que, no final do ano, possam vir a surgir sinais de inversão do ciclo recessivo, em que a economia se encontra, que se venham a reflectir, de forma positiva em 2014.

2 Em 2013, na Carris e no Metropolitano de Lisboa não está prevista a criação de emprego, devendo manter-se o nível de actividade verificado em 2012.



José Benoliel
Presidente demissionário da CP (resposta de fonte oficial)

1 [Não responde.]

2 Para 2013 a nossa expectativa é de que o número de pessoas a utilizar o transporte ferroviário aumente, por razões de racionalidade nas deslocações, uma vez que o transporte ferroviário é mais económico que outros modos de deslocação. Claro que para isso esperamos a colaboração de todos os trabalhadores na defesa da sua empresa. Em termos concretos de previsões nós estimamos que a quebra ocorrida este ano, superior a 5%, seja anulada. Relativamente ao emprego não prevemos crescimento.



Rui Pinto
Director-geral da PSA Portugal (Grupo Port of Singapore Authority)

1 Existe a convicção de que 2013 será um ano bem mais difícil que 2012, e o sentimento é o de que iremos ter mais um ano de contracção económica.

2 No nosso caso, é verdade que sentimos o dinamismo das exportações, mas ao invés a importação quase desapareceu e, por isso, o saldo é nulo ou quase. Por outro lado, especificamente no caso do segmento de negócio da nossa empresa, que se baseia no tráfego de 'transhipment', a situação da economia mundial também não é a melhor. Nota-se uma diminuição nas trocas comerciais entre a Ásia e a Europa, facto a que não é alheia a crise europeia, e isso tem importantes reflexos na nossa actividade como porto. A tudo isso soma-se uma

grande injeção de nova capacidade portuária na nossa região, com o aparecimento de novas infra-estruturas portuárias nos principais portos do mediterrâneo espanhol e Norte de África (Marrocos). Os próximos anos serão de concorrência muito forte na nossa região. Em face de todas essas condicionantes, esperamos um ano de 2013 de consolidação do nosso mercado actual.

Nota-se uma diminuição nas trocas comerciais entre a Ásia e a Europa, facto a que não é alheia a crise europeia, e isso tem importantes reflexos na nossa actividade como porto.



João Pintassilgo
Presidente da Transtejo

1 Não se conhecem indicadores ou indícios que permitam prever que a economia do país inicie a sua recuperação, contudo a confirmar-se o acesso aos mercados financeiros, poderá contribuir para a sua estabilização.

2 No caso do sector dos transportes públicos, não é previsível o crescimento da actividade pelo aumento da procura, nem a criação de emprego.

A confirmar-se o acesso aos mercados financeiros, poderá contribuir para a estabilização da economia.



Leonardo Santarelli
Director-geral da MSD

1 Acredito que 2013 será mais um ano de contracção económica, em geral, e em concreto no sector da saúde. Embora o sector da saúde seja menos afectado que outros sectores, no que diz respeito ao Orçamento para

2013 comparativamente a 2012, terão ainda que ser concretizados muitos ajustes às despesas reais existentes com os cuidados de saúde, permitindo que estas estejam em linha com o orçamento disponível. Para minimizar o impacto nos doentes, espero que medicamentos inovadores sejam finalmente autorizados a entrar no mercado português, em conformidade com o protocolo assinado entre o Governo e a indústria farmacêutica.

2 No sector farmacêutico antevejo que 2013 seja mais um ano de forte declínio, com cerca de 8% de redução em valor. E, como consequência deste decréscimo, não estimamos a criação de emprego em 2013.



Mário Machado
Administrador da TopAtlântico

1 Por norma, e se não ocorrer nada de extraordinário, os novos anos são uma consequência directa do semeado e preparado no ano anterior. Julgamos que o primeiro semestre será, ainda, de contracção (porventura ainda mais forte) com melhorias a acontecer na segunda metade do ano.

2 A TopAtlântico quer continuar a crescer, reforçando três vectores

fundamentais da sua estratégia: competitividade, segurança e serviço ao cliente. As previsões para o sector não são, infelizmente, positivas, mas é nossa convicção que, quer através da internacionalização em novos e dinâmicos mercados, quer através de estratégias flexíveis e adaptadas à nova realidade e aos novos hábitos de consumo, será possível continuar a gerar mais-valias para todos os 'stakeholders'.

As previsões para o sector não são, infelizmente, positivas mas é nossa convicção que será possível continuar a gerar mais-valias para todos os 'stakeholders'.



Alexandre Solleiro
Presidente executivo da Tivoli Hotels & Resorts

1 As fortes medidas fiscais anunciadas no Orçamento do Estado para 2013 vão certamente ter um impacto no consumo das famílias, pelo que será difícil prever outro cenário que o da contracção

do consumo.

2 O sector hoteleiro em Portugal tem uma dependência maioritária nos mercados internacionais. A grande dúvida é se haverá crescimento nos mercados internacionais para os nossos destinos e se este eventual crescimento poderá compensar a contracção do mercado ibérico. Neste contexto, é difícil de prever crescimento ou mesmo criação de emprego.

Será difícil prever outro cenário que o da contracção do consumo.



Natércia Cabral
Presidente demissionária do Porto de Lisboa (resposta de fonte oficial)

1 Julgamos que a contracção na procura interna devido à redução do rendimento disponível das famílias e das empresas conjugada com a capacidade exportadora da economia portuguesa levará à continuação do impacte positivo na balança externa, não se prevendo, contudo, que, dado o peso do sector não exportador na economia nacional, esta inicie um crescimento significativo.

2 Para o ano de 2013, as perspectivas serão de recuperação face a 2012, sendo que estará condicionada à normalização dos serviços de mão-de-obra portuária. Espera-se que o restabelecimento progressivo

da totalidade dos serviços suprimidos com as greves seja uma realidade, levando ao regresso dos serviços de linha que escalavam Lisboa, nomeadamente da carga contentorizada. O bom desempenho do sector exportador nacional poderá alavancar esta recuperação.

Para o ano de 2013, as perspectivas serão de recuperação face a ano passado, sendo que estará condicionada à normalização dos serviços de mão-de-obra portuária.



Miguel Júdice
Co-presidente da Thema Hotels & Resorts

1 2013 será ainda um ano de contracção, não haverá condições que permitam uma recuperação generalizada mas apenas alguns tímidos fenómenos de melhoria em sectores pontuais.

2 Em 2013 o sector da hotelaria e restauração vai seguramente ter um decréscimo de receitas e uma variação negativa ao nível do emprego. Haverá alguns novos projectos que ajudarão a fazer com que o decréscimo ao nível do emprego seja menos pronunciado, mas as dificuldades que o sector atravessa, fruto em larga medida do agravamento da carga fiscal e dos custos de contexto, e da quebra do consumo interno, não permitirão o regresso aos níveis de anos como 2008.



Fritz Sacher

Presidente executivo da Merck Serono

1 A verdadeira contracção apenas começará no próximo ano. Desejavelmente vamos bater no fundo no próximo ano. Primeiro, as mudanças estruturais na despesa pública têm de ser feitas antes da economia recuperar novamente. Mas quaisquer mudanças estruturais adicionais terão primeiro um efeito negativo na economia. Há duas opções. O Governo implementa rapidamente as alterações necessárias na despesa pública. Vai doer, mas temos uma aterragem brusca mas relativamente rápida e uma retoma rápida. Ou teremos uma agonia sem fim tal como na Grécia.

2 A despesa do Estado vai cair de 1,5% do PIB em 2010 para 1% em 2013, de acordo com o memorando da 'troika'. Esta mudança tem um impacto dramático nos postos de trabalho na indústria. Acredito que esta é uma das alterações estruturais que são necessárias do nosso lado, ainda que sejam penosas. Mas são igualmente necessários ajustamentos do lado do sistema nacional de saúde, que também serão penosos. A retoma no sector da saúde em Portugal não virá de um aumento do investimento do Estado em medicamentos, mas pelo pagamento regular das dívidas vencidas, ser cumpridor das promessas e preparar terreno para um ambiente óptimo para o investimento na investigação farmacêutica. Presentemente, considero que o ambiente não está completamente pronto para o investimento em investigação, embora Portugal tenha institutos de investigação muito fortes e muito está a mudar neste momento.

DESPESA DO ESTADO

-1%

A despesa do Estado vai cair de 1,5% do PIB em 2010 para 1% em 2013, de acordo com o memorando da 'troika'.



Paulo Barradas Rebelo

Presidente da Bluepharma

1 Não podemos esquecer que Portugal pediu recentemente ajuda externa, pelo que 2013 será ainda um ano extraordinariamente difícil para os cidadãos e para as empresas. Com o clima de instabilidade que vivemos actualmente, torna-se difícil analisar se as medidas de austeridade que estão actualmente em curso terão um impacto tão imediato. A crise social e os índices de desemprego são desafios em si mesmo. Reconhecemos que as empresas terão também um papel crucial no combate a estas realidades, a par do Estado.

2 As previsões de crescimento para o sector farmacêutico não existem. Após mais de 30 anos de crescimento, com um contributo altamente favorável para a qualidade e maior esperança de vida da população, assistimos hoje a um sector com uma pressão sobre os preços sem precedentes e, consequentemente em grandes

dificuldades. Desta forma quem não compreendeu que este novo paradigma está em dificuldades. A Bluepharma alicerçou, desde a sua constituição, o seu modelo de negócio sobretudo em medicamentos de grande qualidade, a preços acessíveis e virou desde a sua génese para o mercado externo. Actualmente as exportações representam cerca de 75% do volume de negócios, sendo um dos principais factores que concorrem a competitividade da empresa. Desde o início de actividade, a empresa tem aumentado o seu volume de facturação de uma forma sustentada (de 3,2 milhões de euros em 2001 até um valor consolidado que ultrapassará já os 30 milhões de euros em 2012). Em 2012, recrutou 108 novos colaboradores, sobretudo para responder aos desafios impostos pela sua internacionalização. Em 2013, espera continuar este crescimento sustentado e chegar a novos territórios com um maior número de produtos.

Reconhecemos que as empresas terão também um papel crucial no combate à crise social, a par do Estado.



Miguel Ruas

Administrador da Tecnimede

1 Na minha opinião a retracção irá aumentar não havendo recuperação em 2013. No que se prevê na área da Saúde não existirá uma fase de recuperação da economia, existindo sim um agravamento da actual situação de retracção. Enquanto subsistirem limites de acesso ao mercado que acarretam custos elevados para os laboratórios (como por exemplo a obrigatoriedade de procedimentos arbitrais para todas as moléculas que custam em média 130.000,00 euros) e uma política de redução de preços cega (existindo aumento de custos de produção nomeadamente pelo aumento dos custos de

energia entre outros), a lógica será a de aumento de retracção com degradação da capacidade competitiva e de desenvolvimento de todos os 'players', nomeadamente laboratórios, distribuidores e farmácias. Nesta situação os utentes também irão ser prejudicados uma vez que tem um acesso tardio aos medicamentos (quando comparados com todos os outros países da União Europeia que não vedaram o acesso ao mercado através do 'patent linkage') ou pela falta de produtos no mercado por desinteresse comercial face ao preço dos mesmos.

2 Infelizmente em Portugal não prevemos crescimento. O desafio em 2013 reside em conseguir equilibrar as perdas esperadas em Portugal com o crescimento externo.

CUSTOS

€ 130.000

A obrigatoriedade de procedimentos arbitrais para todas as moléculas que custam em média 130 mil euros.



Rui Correia

Administrador da Rumos SA

1 Sobre um eventual início de recuperação económica em 2013, e sobre a evolução do ciclo recessivo no nosso país e na Europa, vêm-me à ideia palavras conscientes de um grande estadista: após a primeira vitória dos Aliados, na batalha de El Alamein, na Segunda Guerra Mundial, Winston Churchill disse: "Isto não é o fim. Não é sequer o princípio do fim. Mas é, talvez, o fim do princípio".

2 No global do Grupo Rumos, estimamos crescer aproximadamente 10%. Sobretudo no mercado externo, tanto Europa como

África. Em Portugal não orçamentamos alterações significativas no nosso volume de negócios. Quanto a criação de emprego, sem dúvida um dos nossos maiores contributos para a sociedade, esperamos alcançar os mesmos resultados de 2012, ano em que conseguimos criar mais de 100 novos postos de trabalho especializados, parte dos quais orientados para o esforço de exportação dos nossos serviços e produtos.

Em Portugal não orçamentamos alterações significativas no nosso volume de negócios.



João Duque

Reitor do ISEG

1 Penso que o ano de 2013 será ainda de retracção. No

melhor dos cenários em que não acredito, teríamos o último trimestre a aproximar-se de crescimento zero...

2 No caso do ISEG apesar da crise continuo a antever um ano com elevada procura embora se continue a verificar uma retracção forte ao nível do sector. Mas um bom posicionamento da marca e da política de produto e 'pricing' poderão fazer a diferença para melhor.



Alberto Rui Pereira

Director-geral Initiative

1 Depois de conhecido o Orçamento geral de Estado e para nós claro que vamos continuar em contracção. Particularmente na nossa indústria (Comunicação) que esta altamente correlacionada com a evolução do PIB, do investimento e do consumo e hoje particularmente claro, que apesar do esforço das marcas em tentar manter o seu

esforço de investimento em comunicação, a tendência será a de se continuar a verificar um decréscimo do investimento publicitário.

2 As previsões apesar de serem ainda hoje muito falíveis apontam claramente para um decréscimo do investimento publicitário face a previsível evolução dos indicadores económicos. E evidente que nesta conjuntura recessiva neste mercado pelo quarto ano consecutivo e pelo simultâneo decréscimo de margens que as perspectivas de criação de emprego são inexistentes. As organizações estarão fundamentalmente concentradas em manter o negócio e o emprego mas e utópico em 2013 pensar em criação de emprego neste sector.



Ricardo Monteiro

Vice-presidente global e presidente da Havas Worldwide (para a Iberia e América Latina)

1 Ao prosseguirem as actuais políticas de aumento da carga fiscal, inibição do investimento e falta de financiamento da economia assistiremos à consequente redução continuada do poder de compra e o mercado interno continuará o seu declínio e inevitável percurso a caminho da irrelevância económica. Mais multinacionais abandonarão o País. Mais empregos desaparecerão. Aumentará a pobreza e a indigência. Continuará a fuga dos mais qualificados para o estrangeiro. Agravar-se-á a queda da já diminuta natalidade, etc. Apenas uma alteração das políticas fiscais e de financiamento da economia, quaisquer que sejam as formas que essa alteração possa assumir - intervenção do BCE no mercado secundário de dívida, investimento directo estrangeiro politicamente dirigido, ou não, políticas expansionistas activas, etc. - poderá, ou poderão, trazer uma retoma que não ocorreria nunca antes do último trimestre de 2013.

2 As perspectivas de crescimento são nulas. A indústria está em queda desde 2008 e essa tendência agravou-se em 2012. Numa indústria (publicitária) intimamente ligada aos mercados de consumo é quase uma provocação falar de possível crescimento. E, obviamente continuará a perda de emprego. Veremos se 2013 é o ano em que se repete a "história do burro do inglês". Como se sabe, o dito do inglês passou semanas a diminuir a ração do burro na esperança que ele pudesse viver sem trazer despesas de alimentação. Até que chegou o momento em que já não era possível diminuir mais a porção. O inglês ficou feliz: o burro vivia finalmente sem ter que comer, apesar da sua óbvia magreza. Uma semana depois, o burro morreu: "Então não é que o burro morreu, logo agora que tinha aprendido a viver sem comer?", exclamou, perplexo perante tal desfaçatez...



Francesco Berrettini

Presidente da Nesting

1 A nível doméstico, tenho dúvidas de que possa haver um crescimento, porque não considero as políticas de austeridade o melhor caminho para o crescimento. Como suporte da minha opinião, uso o conforto de opiniões como a de Paul Krugman (Prémio Nobel em 2008) e outros. O caminho das exportações é obviamente a solução preconizada, mas neste caso é importante fazer uma distinção entre grandes empresas e PME [pequenas e médias empresas]. As grandes empresas têm uma capacidade de reorientação aos mercados externos e uma capacidade financeira que permite enveredar para este crescimento no curto-prazo, quer através de políticas

orgânicas, quer através de aquisições. As PME embora mais flexíveis, para poderem crescer nos mercados internacionais, precisam de capacidade financeira e conhecimento dos mercados. De facto, enfrentam um conjunto de dificuldade que as empresas de maiores dimensões não têm, por isso, a resposta será mais lenta. Este ano, temos registado um crescimento das exportações em percentagem do PIB, mas diria que neste crescimento há dois factores: o crescimento real registado e a queda do PIB. Para uma análise mais aprofundada, seria interessante analisar o crescimento das exportações depurado do efeito da queda do PIB. Numa lógica microeconómica também faz sentido analisar o peso das exportações em função da dimensão da empresa. A partir daí talvez seja possível inferir que há uma concentração do crescimento das exportações provocado pelas grandes empresas e o peso percentual das PME é inferior. O problema é que de facto as PME são a maioria das empresas portuguesas.

2 No mercado nacional, o

sector da publicidade, como um todo, teve uma contração significativa (segundo algumas fontes cerca de 25%). Isto significa que o sector da publicidade digital e dos canais relacionados em que nos movemos, embora em peso relativo deva crescer, penso que em valor absoluto não cresça mais que um dígito, quando até há pouco tempo estávamos habituados a crescimentos

Existe uma concentração do crescimento das exportações provocado pelas grandes empresas e o peso percentual das PME é inferior. O problema é que, de facto, as PME são a maioria das empresas portuguesas.

de dois dígitos. De facto, em valor absoluto, os números não penso que venham a ser muito positivos. Os orçamentos dos anunciantes decresceram significativamente. No mercado internacional, depende muito do país. Países há em que o crescimento no digital é significativo, mas o nível da preparação dos recursos nesta área é de topo (exemplo, o Brasil) e, por isso, a entrada comercial no país tem de assentar numa focalização forte e de nicho, apostando na diferenciação, uma vez que os gestores desta área já estudaram e trabalharam em empresas de topo mundial no plano digital. Relativamente ao emprego especializado nesta área, considero que possa suceder uma evolução positiva, dado o 'shift' no volume de trabalho do 'offline' para o digital. As competências específicas, raramente são desenvolvidas pelas universidades tradicionais e, por isso, os recursos necessitam de formação profissional. O investimento formativo é muito importante. Quem investe nesta área em termos de auto-aprendizagem, acaba por ter facilidade de emprego e recrutamento.



Salvador da Cunha

Presidente do Grupo Lift

1 2013 será um ano muito tenso, ainda em recessão profunda, mas acredito que será o ano em que a economia baterá no fundo e iniciará uma fase de recuperação sólida e consistente. O país

está a mudar estruturalmente e finalmente as mentalidades dos portugueses estão mais adaptadas às suas possibilidades. Quem não deixar cair os braços sairá mais forte.

2 Curiosamente, 2012 foi o melhor ano de sempre do Grupo Lift do ponto de vista da facturação e o mais rentável em valores absolutos (não em percentagem das vendas), fruto de uma estratégia de qualidade e diversificação de portefólio de serviços. O grupo deverá crescer em 2012 cerca de 20%, mas estimamos que o nosso sector de consultoria em comunicação e relações públicas decresça na mesma proporção, cerca de 20%.



Miguel Castro Pereira

Advogado, managing partner da Abreu Advogados

1 Infelizmente, a eventual recuperação económica nacional não depende apenas do desempenho dos sectores públicos e privados nacionais, mas desde logo das imposições do plano de recuperação financeira negociado pelo Governo. Assim, a eventual recuperação dependerá do impacto das medidas que venham a ser aplicadas, uma vez que não é certo que sejam as mesmas que ora se configuram. A opção de aumento da receita pública - leia-se, carga fiscal - em maior proporção da redução da despesa pública corrente - sem contraponto de reforço de investimento público, tem levado a uma pressão sobre as empresas e consumidores que, entre outros efeitos, retraino o investimento privado e o consumo, fazendo cair

mais a receita pública. Dificilmente, a economia nacional iniciará uma recuperação, mantendo-se estas premissas.

2 O trabalho da Abreu Advogados tem registado um incremento significativo nas áreas de contencioso, laboral, fiscal, público e desporto. Têm surgido diversas solicitações para possíveis aquisições de sociedades portuguesas por clientes de diversas jurisdições. Além disso, tem-se registado um crescimento do trabalho referente a Angola e Moçambique. A sociedade continuará em 2013 a ter um especial cuidado no que toca à retenção e captação de novos talentos, bem como à optimização dos seus recursos e na sua utilização com rigor ético na definição de meios a utilizar e objectivos a atingir.

Têm surgido diversas solicitações para possíveis aquisições de sociedades portuguesas por clientes de várias jurisdições.



Robin Turner

Diretor-geral Roche Portugal

1 Não sou um especialista em economia, mas acredito nas projecções realizadas pelos

especialistas do Governo.

2 No que diz respeito ao crescimento, as expectativas são de que teremos, tanto no mercado como na Roche, um declínio em 2013. Espero, contudo, poder manter a nossa estrutura actual e número de colaboradores. Para o futuro, é crucial que consigamos ter, em 2013, mais produtos inovadores aprovados e disponíveis em Portugal para o tratamento de doentes, como já acontece na maioria dos países europeus.



Rui Pena

Sócio-fundador da CMS-Rui Pena & Arnaut

1 Há já muitos anos que não dependemos de nós próprios. A actual suserania exercida pelo triunvirato não passa de uma manifestação mais evidente deste estado. A verdade é que nunca conseguimos desenvolver uma estratégia alternativa à perda das colónias, ficando confinados à periferia da Europa que, para o bem e para o mal, nos mantém em estado vegetativo. O mar que nos abriu o mundo de Quinhentos, emparedou-nos, aparecendo como um novo monstro insuperável. Perdemos a voz. Deixamo-nos ir por onde querem que vamos. Por isso, se não houver um rasgo de coragem e de visão, arriscamos que o próximo ano seja ainda

pior do que o ano actual, com uma maior contracção da economia e todo o rol de consequências conhecidas: mais desemprego, menos rendimento, mais pobreza, instabilidade social. A Europa não pode deixar de reconhecer que o caminho que está a seguir apenas pode levar à sua própria desagregação, à destruição do sonho dos que convictamente se sentem europeus, cidadãos de uma Europa unida e solidária. E são, creio, a grande maioria. A resposta à crise global não se faz com mais crise, mas com desenvolvimento, com medidas anticrise que só se podem conseguir com mais meios e não com mais restrições. Não foi Portugal que gerou a crise. Foi contagiado. E por estar debilitado demais - culpa nossa, esta sim - ficou mais exposto. Mas os EUA, que exportaram o vírus, estão a combatê-lo com sucesso fazendo crescer a economia com injeções de liquidez, aguardando por melhores dias para a amortizarem. Não nós, que já não temos voz, mas se a Europa deixar de ser autista e inverter a receita seguida até agora, estou convencido

Não foi Portugal que gerou a crise. Foi contagiado. E por estar debilitado demais - culpa nossa, esta sim - ficou mais exposto. Mas os EUA, que exportaram o vírus, estão a combatê-lo com sucesso fazendo crescer a economia com injeções de liquidez, aguardando por melhores dias para a amortizarem.

de que haverá condições para iniciarmos uma fase de recuperação e voltar a pôr os mercados a funcionar nos próximos meses. Basta que haja unidade e solidariedade.

2 O sector da prestação de serviços jurídicos, onde se insere a CMS Rui Pena & Arnaut, não é um bom indicador da situação económica, sobretudo, como sucede, no caso de desenvolver um conjunto alargado de áreas de prática, na medida em que a diminuição de actividade em algumas, pode ser, e é geralmente, compensado pela subida noutras. Se é expectável, designadamente, uma diminuição de casos nas áreas financeira, de mercado de capitais ou de 'project finance', pode admitir-se um incremento nas áreas de Direito laboral, de resolução de litígios ou do arrendamento. A sociedade de advogados deve, consequentemente, ajustar-se à nova e previsível conjuntura, desviando, se necessário, alguns dos colegas afectos às práticas menos procuradas para as disciplinas mais procuradas. Em todo o caso, notícias

recentes do Reino Unido, onde pontificam as principais firmas europeias, dão conta de uma sensível redução de proveitos em 2012 e de grande pessimismo relativamente ao próximo ano. A RPA, felizmente, ultrapassou em crescimento as dificuldades deste ano e, embora com todas as cautelas, vai abordar 2013 com confiança. Esperamos manter todas as equipas que são a principal garantia da qualidade dos serviços que prestamos e, pontualmente, se necessário, reforçar as que forem mais solicitadas. Procuraremos igualmente reforçar a componente exportação, promovendo a prestação dos nossos serviços noutras geografias. Neste período conturbado e de dificuldade, queremos continuar solidários, pelo que não enjatearemos as nossas responsabilidades sociais, continuando a oferecer estágio e formação de excelência aos nossos colegas mais novos e mantendo as actividades 'pro bono' que temos vindo a desenvolver em parceria com diversas entidades de natureza social e cultural.



Pedro Rebelo de Sousa

Sócio-fundador da Pedro Rebelo de Sousa

1 Em contracção. Não vejo motivos para encarar uma reversão da tendência contraccionista.

2 Tendência para um cenário 'flat'. Com criação marginal de emprego em certos sectores da advocacia.

Não vejo motivos para encarar uma reversão da tendência contraccionista.



Lino Torgal

Managing Partner da Sêrvulo & Associados, Sêrvulo & Associados

1 Todas as previsões macroeconómicas convergem para uma revisão em baixa das perspectivas de crescimento este ano. A recessão parece certa, apenas havendo dúvidas quanto à sua dimensão. Todavia, no final do ano de 2013 pode começar a antecipar-se uma ténue recuperação económica que se espera que possa surgir em 2014 e 1015.

2 O sector da advocacia e da prestação de serviços não se encontra, naturalmente, imune à situação geral do país. Contudo, as firmas que se souberem adaptar e reinventar neste novo período podem encontrar oportunidades de acrescentar valor aos seus clientes numa época de dificuldades para todos.



Duarte Garin

Sócio-director da Uría Menéndez-Proença de Carvalho

1 A esmagadora maioria dos analistas económicos coincide no facto de ser muito difícil, para não dizer impossível, que a economia retome em 2013, isto porque o impacto das medidas extremamente gravosas de

austeridade se começarão a fazer sentir a partir de Janeiro. Mas não é ainda claro em que medida as reformas estruturais empreendidas (as que o foram) servirão para animar a componente de investimento, que poderia ser dinamizadora da economia no próximo ano. O Governo parece depositar grande esperança nessas reformas, mas creio que os seus efeitos não serão imediatos.

2 Espero que o sector da advocacia estabilize. Não sendo provável que seja um ano de crescimento, espero que seja pelo menos de consolidação, com as sociedades de advogados a continuarem a dar bons sinais de resistência.



Rui Amendoeira

Sócio-executivo da Miranda Law, Miranda Correia Amendoeira & Associados

1 Com os dados que existem neste momento, será inevitável que a economia portuguesa sofra nova contracção em 2013. Várias medidas de austeridade, as já aprovadas e as que ainda serão anunciadas, terão os seus efeitos mais sensíveis durante o ano de 2013. Nenhum dos indicadores presentes permite

pensar que a recuperação se iniciará em 2013.

2 A nossa estratégia de desenvolvimento assenta na expansão da presença internacional. Pretendemos reforçar a actividade na maioria dos 13 países em que estamos presentes e abrir escritórios em mais dois ou três países novos. Nessa medida, estimamos um crescimento da nossa actividade em mais de 10% com o correspondente aumento do número de colaboradores que actualmente se situa em 190 advogados e que deverá ultrapassar os 200 ao longo do ano de 2013.

Será inevitável uma nova contracção este ano.



Manuel Santos Vítor

Managing partner da PLMJ

1 Tudo indica que a economia portuguesa continuará em contracção, não se vislumbrando sinais de retoma.

2 O sector de serviços e a advocacia em particular acompanhará o país. Ainda assim, esperamos na PLMJ continuar a crescer, desde logo na exportação de serviços jurídicos, nas áreas de Direito na exportação de serviços jurídicos, nas áreas de Direito que crescem habitualmente em períodos recessivos, como as áreas de contencioso, laboral e fiscal, mas também outras em que surgem oportunidades, fruto do ajustamento das empresas portuguesas às novas realidades do mercado (emissão de dívida, 'private equity', etc.).



João Soares da Silva

Sócio / Partner da Morais Leitão, Galvão Teles, Soares da Silva

1 Quero acreditar que possa haver das duas coisas. As previsões do Governo e as principais internacionais apontam para uma retração clara, que até bem poderá ser superior às previsões actuais. Admito que o sentido final do ano possa depender, para além dos factores de que com razão se fala - entre outros, os impactos do agravamento fiscal posto no terreno, a capacidade de execução orçamental e o comportamento da Europa, com relevo para a estratégia pré-eleitoral que for seguida pela Alemanha - de uma outra coisa de que neste tempo se fala pouco e que é a confiança, cujo impulso tem sempre de vir do lado da política e cujo efeito é vital para a economia. As perspectivas não são animadoras: o Governo, que já teve capacidade de induzir confiança, já a perdeu grandemente aos olhos do país, passa dificuldades internas que muitos predizem terminais, terá com probabilidade uma punição eleitoral nas autárquicas... Se for capaz de inverter o seu declínio será uma agradável surpresa. Mas a dimensão do ajustamento feito e a profundidade da crise já atingida pode tornar mais verosímil que pequenos factores positivos, se houver capacidade para isso, possam gerar alguma sensação de "fundo do poço", e um princípio de confiança, designadamente quanto ao investimento, sem o qual não há recuperação possível e com o início do qual alguma recuperação lenta se pode iniciar também. Quero acreditar, repito.

2 Não aplicável.

O Governo, que já teve capacidade de induzir confiança, já a perdeu grandemente aos olhos do país, passa dificuldades internas que muitos predizem terminais.



João Vieira de Almeida

Sócio fundador da Vieira de Almeida

1 Temo que 2013 seja mais um ano de extremas dificuldades, desde logo porque não se antecipa a quebra da taxa de desemprego - o maior problema que o país enfrenta - e, por outro, o potencial abrandamento da recessão no segundo semestre, a acontecer, é demasiado tímido para produzir resultados palpáveis até ao final do ano. Acrescem as dúvidas, que não há maneira de se dissiparem, quanto à verdadeira capacidade (ou vontade) dos líderes europeus para adoptar medidas eficazes e realistas de combate à crise e, no plano interno, quanto à estabilidade da situação política e social face aos crescentes sinais de tensão

entre os vários actores em cena.

1 O sector da advocacia de negócios é apesar de tudo mais protegido, uma vez que depende da actividade económica e não da saúde da economia, duas realidades que se cruzam mas não se sobrepõem. Será em todo o caso um ano difícil, muito provavelmente sem crescimento ou mesmo de crescimento negativo, pelo que não antecipo a criação de novas oportunidades de trabalho; por outro lado, penso que não assistiremos à geração de desemprego, pelo menos com qualquer impacto significativo. Infelizmente, o mesmo não será verdade para todos os segmentos da advocacia.

Acrescem dúvidas quanto à estabilidade da situação política e social face aos crescentes sinais de tensão entre os vários actores em cena.



Diogo Perestrelo

Sócio/Partner, Cuatrecasas, Gonçalves Pereira Associados, RL

1 Penso que ainda não será em 2013 que veremos sinais de recuperação em Portugal. Mas poderão ser criadas as bases que isso suceda em 2014. Para isso será fundamental mantermos o crescimento das nossas exportações e, por outro lado, os bancos concluírem as suas reestruturações internas e serem capazes de iniciarem a transferência de liquidez, de uma forma sustentada, para as empresas com qualidade (que ainda há muitas) e de reforçarem o volume de crédito para os bons projectos.

2 Em relação à nossa sociedade de advogados, prevemos manter os níveis

de trabalho que tivemos em 2012, pois como já vimos neste ano que termina, o crescimento de algumas áreas compensou o decréscimo de outras. Prevemos crescimento em áreas como o bancário (regulação e recapitalizações), as reestruturações financeiras, o contencioso (administrativo, tributário e comercial) e o 'distressed M&A'. No próximo ano, esperamos manter o mesmo número de advogados, com um eventual crescimento marginal em áreas muito específicas e que tragam valor acrescentado.

Ainda não será em 2013 que veremos sinais de recuperação em Portugal. Mas poderão ser criadas as bases que isso suceda em 2014.



Diogo Leónidas Rocha

Sócio da Garrigues

1 Mesmo a uma distância tão curta, não é fácil prever a evolução da economia no próximo ano. Os esforços governamentais foram principalmente direccionados para combater a crise financeira, por forma a Portugal poder regressar aos mercados rapidamente. E isso teoricamente poderá ser possível já em 2013: ajudados por um maior comprometimento europeu na preservação do euro, os juros da dívida pública a dez anos já baixaram a barreira sensível dos 7%. A recuperação económica parece bem mais complicada, até porque foi sacrificada em benefício da financeira. Não querendo fazer previsões, o que poderei dizer é que a nossa

advocacia empresarial não testemunha ainda quaisquer sinais de recuperação da economia. As empresas interiorizaram que o mercado português não vai oferecer oportunidades de crescimento no curto prazo, pelo que continuam a privilegiar a procura de outros mercados estratégicos para expandir a sua actividade.

2 Consistindo a nossa actividade na prestação de serviços a empresas, as perspectivas de crescimento basicamente acompanham as perspectivas de crescimento da própria economia. De uma forma ou de outra, as sociedades de advogados adaptaram as suas estruturas e dimensão à nova realidade económica, pelo que terão necessariamente de recrutar colaboradores para responder a qualquer acréscimo significativo de trabalho que uma evolução favorável da economia proporcionar.

JUROS DA DÍVIDA

7%

Os juros da dívida pública a dez anos já baixaram a barreira sensível dos 7%.



Luís Salvaterra

Director-geral Ibérico da Intrum Justitia

1 Temos a noção que 2013 será um ano complicado e, sem pessimismos, dificilmente conseguiremos entrar já em recuperação. O cenário não é famoso e pode parecer sombrio, mas existem medidas que as empresas podem tomar para reduzirem os riscos e protegerem-se.

2 A situação da economia mundial não é a melhor e tem importantes reflexos também na nossa actividade, por isso contamos que o próximo ano seja difícil e os passos a dar têm de ser muito ponderados, mas esperamos ter uma de consolidação de resultados. Para enfrentar os desafios do próximo ano, é fundamental que as

empresas actuem com rapidez e profissionalismo de forma a minimizar o impacto dos atrasos/incumprimento que alguns sectores de actividade vão ter no próximo ano e conseguirão fazer isso se entregarem os seus créditos a empresas especializadas na sua gestão.

O cenário não é famoso e pode parecer sombrio, mas existem medidas que as empresas podem tomar para reduzirem os riscos e protegerem-se.



João Paulo Oliveira
Administrador da Bosch Portugal

1 Se não se alterarem as variáveis da equação vamos continuar a assistir a uma diminuição da procura interna e a crise vai aumentar. A receita tem de ser a mesma: recuperar a confiança das pessoas e o Estado cortar nas suas despesas. No entanto, se tudo persistir, prevejo que este ano será mais negativo porque as pessoas, têm menos dinheiro disponível por causa do aumento de impostos.

2 Dependemos muito do mercado de exportação e do mercado europeu. Estamos a diversificar na gama de produtos e nos mercados para conseguir compensar o efeito de abrandamento que se espera na Europa. A estratégia não é nova. Já este ano introduzimos na maior parte das fábricas e com bons resultados. Estamos a abordar o próximo ano com algumas cautelas, sobretudo por causa do mercado europeu. Não estamos à espera de fazer contratações, porque temos de colmatar o aumento de produtividade que temos todos os anos e por termos mais dias de trabalho este ano. Mas também não estamos a pensar despedir. O objectivo é manter a força de trabalho.

A receita [para a recuperação da economia] tem de ser a mesma: recuperar a confiança das pessoas e o Estado cortar nas suas despesas.



Manuel Violas
Presidente executivo do Grupo Violas

1 A situação que vivemos é de contracção. Espero que haja uma recuperação, mas não tenho grandes expectativas que isso venha a acontecer.

Na área do jogo, não vejo outra alternativa se não a contracção da actividade e as consequências serão de redução dos postos de trabalho. Já para a empresa de exportações do grupo, espero uma ligeira recuperação.



José Leitão Amaro
Administrador da Nutroton

1 Penso que não haverá perspectivas de recuperação para o próximo ano. 2013 será de contracção. E a única

hipótese para contrariar tudo isto são as exportações.

2 Penso que não há perspectivas de crescimento para o sector. Não vai ser fácil neste sector ter desenvolvimento. Quanto à Nutroton, dada a relação que temos com os mercados externos, vamos fazer os possíveis para que isso nos ajude a equilibrar os problemas internos. Para já não temos prevista qualquer aposta em novos mercados. Não estão a ser equacionados despedimentos, mas as contracções serão apenas algumas, em áreas estratégicas.



Carlos Barbot
Presidente do Grupo Barbot

1 A economia vai continuar em contracção. Não há nenhum motivo e também não tem sido anunciado pelo Governo que a economia vá recuperar em 2013.

2 Não. Tenho previsões de decréscimo no mercado nacional, que vou procurar compensar com exportações para tentar manter o mesmo nível de trabalhadores. Criação de emprego? Não vejo como. Prevejo é o aumento do desemprego em Portugal.



Aníbal Campos
Presidente da Silampos

1 Não acredito que haja condições para a recuperação da economia.

2 Espero que a empresa cresça na exportação. Temo que no mercado interno recue ainda mais. Será um ano mais difícil. Mas, no geral, pensamos recuperar com as exportações. Não vejo necessidade de criação de emprego.

Espero que a empresa cresça na exportação. Temo que no mercado interno recue ainda mais.



Catarina Leal
Presidente executiva da Lealmat

1 Vamos continuar a ter uma contracção. Espero que se concretizem as previsões de que haverá uma recuperação no final do ano. Era importante que o país desse uma volta, para que aumentasse o dinamismo empresarial. A pedra no sapato da maioria das empresas é o forte aumento de impostos que limita o poder de compra das famílias.

2 O próximo ano vai ser de estagnação. O objectivo será manter o que há. Estamos a tentar jogar com muita cautela, ir acompanhando o mercado. Temos aumentado as exportações para o mercado africano, nomeadamente Angola e Moçambique. Mas não tem ainda um peso muito relevante, embora tenha vindo a crescer. Temos vindo a crescer, mas devagarinho e, por isso, estamos a tentar manter o pessoal.

A pedra no sapato da maioria das empresas é o forte aumento de impostos que limita o poder de compra das famílias.



Paulo Mendes
Director-geral da Mistolin

1 Não temos qualquer dúvida que a economia portuguesa vai continuar em contracção e é esse o cenário que usamos no nosso processo de planeamento de 2013. Agora procuramos nichos de mercado que tenham melhores perspectivas, assim como procurar cada oportunidade que possa surgir no mercado decorrente desta conjuntura e dos processos de decisão dos consumidores e dos outros operadores no mercado. Acima de tudo procuramos mercados no estrangeiro onde as perspectivas sejam positivas e possam ser um acelerador do nosso crescimento.

2 Já temos definidos os cinco pilares estratégicos principais de 2013, apenas ainda não fechamos totalmente o nosso 'forecast', mas será de crescimento de vendas e resultados. Poderá levar à criação pontual de alguns empregos de pessoas com competências específicas que necessitemos para implementar a nossa estratégia, principalmente nas áreas de desenvolvimento comercial e expansão internacional da nossa empresa.

Não temos qualquer dúvida que a economia portuguesa vai continuar em contracção e é esse o cenário que usamos no nosso processo de planeamento de 2013.